

1966 50 ANOS 2016 • U  C •

SERVIÇOS DE
AÇÃO SOCIAL
DA UNIVERSIDADE
DE COIMBRA

47 • novembro • 2016

S A S U C 5 0

RUA LARGA REVISTA DA REITORIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

RUA LARGA

REVISTA DA REITORIA DA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA
NÚMERO 47
NOVEMBRO 2016



PROPRIEDADE
Universidade de Coimbra

DIRETOR
João Gabriel Silva

DIRETORA-ADJUNTA
Clara Almeida Santos

EDITORA
Marta Poiares • rua.larga.uc@gmail.com

DIREÇÃO ARTÍSTICA
António Barros

FOTOGRAFIA
João Armando Ribeiro

INFOGRAFIA
Henrique Patrício
Sara Baptista

PRODUÇÃO
Luísa Lopes

EDIÇÃO
Imprensa da Universidade de Coimbra
Rua da Ilha, 1
3000-214 COIMBRA • PORTUGAL
Telef./Fax.: 239 247 170
Email: imprensauc@uc.pt

IMPRESSÃO
Gráfica Maiadouro

TIRAGEM
1700 ex.

ISSN
1 6 4 5 - 7 6 5 x • Anotado no ICS

CAPA
Projeto de Edifício Snack-Bar do Estádio Universitário da Universidade de Coimbra
António Alberto de Faria Bettencourt, 1999/2003
João Armando Ribeiro • 2006

www.uc.pt/rualarga
rualarga@uc.pt • Tel. 239 857 000

PONTOS DE VENDA
Loja UC
Livraria Virtual: <http://tinyurl.com/potg4o7>

RUA LARGA

EDITORIAL
A ação social é uma tradição de futuro – P.04
João Gabriel Silva

REITORIA EM MOVIMENTO
A "bolha" na cantina "A" – P.06
Luís Filipe Menezes

Acolher e integrar para amplificar
percursos académicos de sucesso – P.11
Madalena Alarcão

OFICINA DOS SABERES
DOSSIÊ: 50 ANOS DE AÇÃO SOCIAL
Há [mais de] 50 anos a fazer a diferença
na vida de cada estudante – P.16
Ana Morais

TESTEMUNHOS
Fabiana Pereira – P.20
João Casqueiro Santos – P.22
Liliana Chaves – P.24
Márcio Silva – P.26

IMPRESSÕES
Crescer UC – P.28
Joana Bronze Ferreira
Nuno Freitas
Ana Cristina Marques

Integral – P.30
Joana Bronze Ferreira
Maria João Carvalho

RIBALTA
Cuidar – P.33
António Queirós

Tal como em casa. Aqui. – P.34
Joana Bronze Ferreira
Maria Isabel Roque

Saber *Coimbra é uma lição.* – P.36
Xiribitatatá! – P.37
Coimbra é nossa e há de ser! – P.38
U saber com sabor! – P.38
Joana Bronze Ferreira
Luís Lavrador

Gadus Morhua & Companhia! – P.39
Luís lavrador

CIÊNCIA REFLETIDA
A gastronomia molecular ou
o laboratório na cozinha – P.40
Paulo E. Abreu

AO LARGO
ENTREVISTA
Regina Dias Bento – P.45
Marta Poiares

RETRATO DE CORPO INTEIRO
Por detrás de um acrónimo – P.53
Marta Poiares

CRÓNICA
Amigalha que viceja – P.58
Anónimo

CRIAÇÃO LITERÁRIA
Despedida Permanente – P.60
Paulo Kellerman

LUGARDOS LIVROS
Acção Social Escolar na
Universidade de Coimbra. – P.64
António Luzio Vaz

Imprensa da Universidade de Coimbra
Livros – P.65
Revistas – P.66

APOCALÍPTICOSE
INTEGRADOS
Apocalíptico
Bolsas de Estudo – P.70
Regina Dias Bento

Integrado
Bolsas de Estudo no Ensino Superior – P.72
João Queiroz

A AÇÃO SOCIAL É UMA TRADIÇÃO DE FUTURO

Há 50 anos, em 7 de novembro de 1966, foi publicado o Decreto-Lei n.º 47303 que criou os Serviços de Ação Social da Universidade de Coimbra (SASUC). É uma efeméride que merece ser comemorada, pois orgulhamo-nos destes serviços, reconhecidos por muitos como os melhores de Portugal.

A preocupação com os estudantes mais vulneráveis vem de tempos antigos. Os colégios universitários tinham essa missão, em paralelo com a responsabilidade de ministrar ensino pré-universitário e servir como residência universitária. O elevado número de colégios construídos, principalmente nos séculos XVI e XVII, quer na alta universitária, quer na Rua da Sofia, mostra a dimensão dessa preocupação social já nesse tempo. A Rua da Sofia, construída de propósito para acolher os colégios, foi incluída na área classificada pela UNESCO precisamente por causa deles.

A extinção das ordens religiosas que os geriam, em 1834, levou ao seu encerramento. O vazio criado gerou diversas iniciativas na comunidade universitária no sentido de criar alternativas, entre as quais é de destacar a criação, em 23 de dezembro de 1849, por iniciativa de professores e estudantes da Universidade de Coimbra (UC), da Sociedade Filantrópica Académica, cujos estatutos foram oficialmente reconhecidos pela rainha D. Maria II, em 1852. Esta associação manteve-se como o referencial mais importante para a ação social da UC até à criação dos SASUC há 50 anos, momento que marca a assunção plena, por parte da Universidade, da responsabilidade da ação social.

A preocupação com o acesso de todos ao conhecimento constitui um desafio permanente para a UC, até porque também é nossa missão estatutária a promoção da justiça social. O elemento central, mas insuficiente, da resposta no ensino superior a essa preocupação são as bolsas de ação social do Governo Português. É insuficiente, porque os escalões de atribuição e os valores das bolsas são baixos, e porque o seu âmbito não abrange todas as situações que afligem os estudantes em dificuldades.

Como na UC a satisfação pelo caminho feito tem de vir sempre acompanhada pela inquietude da construção do caminho a fazer, temos vindo a inovar no que diz respeito aos mecanismos de intervenção social. Em 2004, aquando do significativo aumento do valor das propinas, destinou-se uma parte importante desse aumento à criação de um Fundo de Apoio Social que, de certa forma, criou um escalão adicional além das bolsas de ação social do Governo. Mais recentemente, em 2013, criámos um mecanismo chamado PASEP, que permite alargar o apoio social também aos estudantes de doutoramento e de cursos não conferentes de grau, envolvendo-os em pequenas tarefas a tempo parcial que os libertam do pagamento das propinas ou lhes dão descontos na alimentação ou alojamento.

Todas estas formas de apoio exigem que os seus beneficiários tenham aproveitamento escolar. Reconhecendo que, em certas situações limite, um estudante possa merecer continuar a ser apoiado mesmo quando o seu desempenho é momentaneamente inferior ao necessário para aceder aos outros mecanismos, temos trabalhado com outras instituições para criar alternativas que o permitam, com destaque para o Fundo Solidário do Instituto Justiça e Paz, que intervém em casos onde os SASUC não podem intervir.

O APOIO SOCIAL TEM OUTRAS VERTENTES

A atual rede de restaurantes e cantinas universitárias é suficiente, embora estejamos sempre a fazer pequenos melhoramentos. A próxima grande alteração será a recuperação da Cantina Amarela, cujas obras começarão em breve.

A rede de residências universitárias, por seu lado, é insuficiente, apesar de termos conseguido aumentar substancialmente a sua taxa de ocupação. Temos apenas cerca de 1300 camas, o que é pouco para uma população global de estudantes de cerca de 25 mil. Temos concentrado a nossa intervenção na recuperação dessas residências, algumas delas com deficiências antigas, tendo sido despendidos para esse efeito, nos últimos dois anos, cerca de 300 mil euros – um enorme aumento em relação ao que foi gasto para esse fim nos anos anteriores. Os investimentos previstos para os próximos dois anos atingem cerca de 1,5 milhões de euros. Tudo isto está a ser financiado com receitas próprias, pois não existe da parte do Estado ou dos Fundos Regionais qualquer ajuda para este efeito. O investimento maior será na Residência da Rua da Alegria, que estamos a adquirir, e na sua posterior recuperação. Para a necessária expansão da rede, o primeiro candidato é a maternidade Daniel de Matos, propriedade da UC que deverá, dentro de poucos anos, ser libertada pelo Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra, que vai construir uma nova maternidade. Outras oportunidades estão a ser estudadas, mas a falta de linhas de financiamento para este fim limita muito a nossa capacidade de intervenção.

Em geral, podemos afirmar que muito poucos casos haverá em que um estudante com aproveitamento escolar abandona o ensino superior por dificuldades económicas. Estamos sempre alerta e trabalhamos com grande proximidade em relação às associações de estudantes e aos vários setores da UC, para detetar e resolver os casos que ainda existam.

A luta mais difícil é contra o insucesso escolar, pois afeta muitos estudantes e tem causas muito variadas. No meu entendimento, este vai ser o maior desafio da ação social na próxima década. É essencial que, sem retirar aos estudantes a sua autonomia e responsabilidade que têm quanto às escolhas que fazem, consigamos identificar e atenuar as causas do insucesso. Esta tarefa é muito exigente e extravasa os serviços de ação social, abarcando toda a universidade. O que não é de estranhar, pois construir um mundo melhor é uma tarefa de todos para todos.

João Gabriel Silva
Reitor



A BOLHA NA CANTINA

LUÍS FILIPE MENEZES *



13 horas num qualquer dia da semana, algures nos finais dos anos 70 do século passado. A descida desenfreada das escadas monumentais tem um propósito: chegar rapidamente à fila da cantina A para tentar almoçar o mais depressa possível; às 14 horas as aulas recomeçam e não há tempo a perder. Ah! As filas.... Junto à entrada da cantina forma-se uma gigante “bolha”. Não há volta a dar. Trata-se de uma “bolha organizada”. Só chega à caixa da cantina um de cada vez, num esvaziamento lento da “bolha”, qual engarrafamento caótico onde a única maneira de o desfazer é esperar. De vez em quando ouvem-se uns impropérios de alguém menos paciente, cheio de razão, mas sem grande sucesso. À parte a falta de civismo e respeito pelos colegas que fazem a fila, há a necessidade de despachar meia dúzia de garfadas para chegar a horas a mais uma aula. A falta de oferta de espaços de refeição promove a formação de filas que descem as escadas das cantinas centrais e chegam até ao jardim da Associação Académica. Arroz e batata frita acompanham a ementa diária que perdurará durante todo o tempo de estudante. Fora a ementa sofrível, o ruído na sala reflete a saudável convivência de uma Academia que era, é e será sempre única e una. Das Humanidades às Ciências, do Desporto à Saúde, estes espaços contribuíram sempre para uma unidade na Academia que é única e que nos diferencia de todas as outras Universidades. Há 40 anos, a oferta na restauração era manifestamente insuficiente. Desde então, a oferta foi alargada, cobrindo hoje todos os polos da Universidade de Coimbra (UC) e servindo quase um milhão de refeições por ano. A qualidade do serviço prestado a toda a comunidade UC tem sido um dos focos mais importantes, e o resultado dos sucessivos inquéritos efetuados aos utilizadores dos restaurantes universitários têm servido para auditar e melhorar todo o serviço. Em breve iniciam-se as obras de reabilitação da Cantina Amarela. Será um espaço virado para o futuro, oferecendo um conceito de restaurante universitário completamente inovador e que será certamente do agrado de todos.

Cantina A, Instalações Académicas, projeto dos arquitetos Alberto José Pessoa e João Abel Manta, 1954

A restauração é a face mais visível dos Serviços de Ação Social da Universidade de Coimbra (SASUC). Mas os serviços prestados aos estudantes vão muito além dos restaurantes universitários espalhados pela cidade. As residências universitárias são outro polo de grande importância. O número de camas disponível é reduzido, mas, ainda assim, tem sido de extrema relevância para todos aqueles que usufruem do serviço. O futuro aponta para um crescimento sustentável da oferta e, sobretudo, para a reabilitação progressiva de todos os espaços existentes, só possível com o esforço financeiro da UC que, nos últimos anos, soube transformar os SASUC, dando-lhe capacidade para poder planear com segurança o futuro. As obras nas residências universitárias, em curso e já planeadas, permitem a necessária modernização de todos os espaços e a expansão da oferta.

Os SASUC existem para servir e apoiar os estudantes seja através de medidas de apoio social direto (bolsas de estudo e auxílios de emergência), seja através de medidas de apoio social indireto (acesso à alimentação e ao alojamento, acesso a serviços de saúde, apoio às atividades culturais e desportivas, acesso ao apoio psicopedagógico), seja por outros tipos de apoios de caráter social, cultural e educativo (apoio a estudantes com necessidades educativas especiais, serviços de apoio à infância, disponibilização de serviços múltiplos numa oferta integrada e diversificada). É esta diversidade na oferta de serviços aos estudantes da UC, talvez pouco visível para a maioria dos cerca de 25 mil alunos, que é de características únicas numa universidade e que fazem dos SASUC o maior e mais completo Serviço de Ação Social das universidades portuguesas.

Em finais de 2012, e numa clara resposta ao contexto de forte restrição orçamental, com impacto direto no financiamento do Estado às universidades em Portugal, a UC apresentou um plano com as principais “Perspetivas sobre os Serviços de Ação Social da Universidade de Coimbra”, onde se preconiza uma dinâmica de mudança nas estruturas e processos dos SASUC visando a sua sustentabilidade futura. Hoje, os SASUC não se limitam a gerir as verbas de apoio social que recebem do Estado. Apoiam e acompanham os que mais precisam de ajuda, criando mecanismos de apoio alternativos quando os apoios do

estado não chegam para tudo. Este empreendedorismo social é único, inovador e consequente. O Programa de Apoio Social a Estudantes através de Atividades de Tempo Parcial (PASEP), é exemplo disso e permitiu chegar a estudantes que, por força das regras existentes, não podiam obter apoio do Estado. Trata-se de um programa da UC para apoio aos estudantes mais carenciados, possibilitando-lhes, em simultâneo, adquirir e desenvolver competências transversais e reforçar a ligação e a participação dos estudantes em estruturas da UC. A inovação introduzida com este programa, bem como os resultados que já se conseguiram, concretizados no apoio social a muitos estudantes, foram reconhecidos fora da UC com a atribuição de menção honrosa no Prémio Manuel António da Mota, da Fundação Manuel António da Mota, que visa distinguir as instituições com iniciativas de inovação e empreendedorismo social nos domínios gerais da educação, emprego e combate à pobreza e exclusão social. O PASEP é a única intervenção social fora da esfera do Estado dirigida a alunos do ensino superior.

No suporte desta oferta de serviços, que beneficiam todos os estudantes da UC, está uma equipa de mais de 400 pessoas que diariamente se dedicam e garantem o funcionamento de uma estrutura enorme, com o propósito de cumprir uma missão tão nobre como é a ação social universitária no âmbito da UC. É o empenho e dedicação destas pessoas que fazem os SASUC grandes. Não seria possível de outro modo. Há serviços prestados aos alunos da academia que só são possíveis com o sacrifício voluntário destas pessoas, que genuinamente vivem as preocupações dos jovens estudantes da UC e que as procuram minorar o melhor que podem. As comemorações dos 50 anos dos SASUC são por isso, também, um agradecimento sentido a todos aqueles que passaram ao longo destes anos pelos SASUC e que os ajudaram a crescer até hoje, bem como àqueles que diariamente continuam dedicadamente a servir a nossa Academia. Bem hajam todos.

* Vice-reitor da Universidade de Coimbra

acolher e integrar para amplificar percursos académicos de sucesso

MADALENA ALARCÃO *



A minha relação mais direta com a Universidade de Coimbra (UC) começou há quase 40 anos quando, em 1977, ingressei na Licenciatura em Psicologia. Vivendo em Coimbra, conhecendo a cidade e a universidade, sentia-me mais ou menos “em casa”, apesar dos ajustamentos e da gestão de algumas crises que os tempos da Revolução de Abril faziam emergir. Na altura, a face mais visível dos Serviços de Ação Social da Universidade de Coimbra (SASUC) eram as cantinas e os serviços médico-sociais, ambos situados na Rua Oliveira Matos. Frequentei os dois, ainda que de forma bastante episódica.

Embora difusa, uma vez que o contacto e a relação foram reduzidos, a memória que guardo é a de que, já nessa altura, os SASUC eram muito importantes no apoio aos estudantes, particularmente aos estudantes deslocados, que vinham de vários pontos de Portugal. *Hoje, não concebemos a Universidade de Coimbra sem um conjunto alargado de apoio aos estudantes*, que se diversificaram muito, na sua nacionalidade, origem social, capacidades e competências, expectativas e necessidades.

As transições, embora importantes porque potencialmente dinamizadoras de crescimento e evolução, são acompanhadas de tensão e stresse, já que implicam mudanças. A gestão do desconhecido, por muito desejado que seja, assim como a necessidade de responder a novas solicitações e a novas exigências, requerem uma energia, uma disponibilidade e uma capacidade que nem sempre sabemos *se* temos ou *como* podemos ativar. Por isso precisamos dos *Outros*, colegas, amigos, familiares, professores, profissionais de diferentes áreas, para nos apoiarem e/ou orientarem.

Na semana das matrículas, os novos estudantes percebem que há um conjunto muito grande de pessoas e de serviços na Universidade de Coimbra (UC) e nas suas Faculdades, bem como na Associação Académica de Coimbra e nos seus Núcleos de Estudantes, que estão disponíveis para acolhê-los e integrá-los. Mas, seja para recém-chegados seja para estudantes de outros anos, nacionais ou internacionais, *acolher e integrar significa estar disponível para responder aos pedidos formulados, escutar e descodificar silêncios e ausências, antecipar possíveis dificuldades, ajudar a prevenir problemas, criar laços, estimular descobertas, gerar conforto, sempre no respeito pela autonomia e liberdade responsável de cada estudante da UC.*

O sucesso académico depende de um conjunto alargado de fatores, mas está estreitamente relacionado com o modo como os estudantes organizam o seu percurso académico e como se preparam para a vida profissional. *Sucesso gera sucesso*, numa retroalimentação que é também válida para o *insucesso que se sucede a insucessos*. Por isso, na UC, estamos cada vez mais atentos a sinais precoces de dificuldade, procurando criar as condições para que *os estudantes saibam valorizar as suas capacidades, avaliar as suas competências e identificar as suas dificuldades*, procurando coconstruir soluções e percursos de sucesso. O diálogo com professores e colegas, assim como a autorreflexão e autorregulação da aprendizagem, são aspetos fundamentais na construção deste processo. Mas, por vezes, é necessário, ou útil, o apoio de profissionais da área psicossocial. Nos SASUC, o Núcleo de Integração e Aconselhamento (NIA) procura colocar ao serviço dos estudantes o saber

que congrega em torno de três grandes áreas de intervenção: i) avaliação, aconselhamento e apoio em situação de necessidades educativas especiais; ii) aconselhamento psicopedagógico; iii) desenvolvimento de competências (transversais, de organização do estudo e de gestão do stresse e ansiedade em situações de avaliação).

A promoção da igualdade de oportunidades, no caso dos estudantes com necessidades educativas especiais, exige que os mesmos, conhecendo as suas capacidades, competências e limitações, percebam como podem responder aos desafios colocados pelas novas aprendizagens e como podem criar e amplificar experiências de sucesso. Mas requer, também, que os docentes reflitam sobre as competências que esperam que os alunos adquiram e sobre as estratégias pedagógicas que vão utilizar para promover tais resultados. O ensino faz, hoje, muito apelo ao registo visual como canal privilegiado de receção da informação. Os estudantes invisuais, apesar dos novos recursos tecnológicos de que dispõem, não têm acesso a esse canal e nem sempre o registo auditivo é suficiente para apreender, integrar e refletir sobre a totalidade da informação que está a ser partilhada. É por isso necessário pensar nos ajustamentos pedagógicos que os docentes podem implementar para tornar o processo de ensino-aprendizagem mais efetivo. Pelo contrário, um estudante surdo tem no canal visual um excelente apoio, mas é importante não esquecer que tem um vocabulário e um domínio conceptual mais limitado, o que se reflete no modo como percebe e transmite a informação/reflexão. A existência de um

intérprete de língua gestual constitui um apoio importante, embora a sua presença comporte diversos desafios, com particular realce para a dimensão financeira. Nestas, como em outras situações de necessidades educativas especiais, a missão do NIA é, confirmada a situação especial do estudante, ajudar a identificar algumas das implicações mais relevantes ao nível das estratégias de ensino, de estudo e de avaliação. Essa ação só pode concretizar-se na interação e com a colaboração ativa dos estudantes em causa e dos seus docentes. É nesse sentido que, no novo ano de 2016-17, se procurará dar: i) uma resposta mais específica às necessidades dos estudantes surdos e ii) *fazer uma melhor articulação com cada Unidade Orgânica e com a coordenação dos ciclos de estudos em que há estudantes com necessidades educativas especiais inscritos para a definição das medidas de apoio a implementar.*

O apoio dos SASUC no acolhimento e integração dos estudantes é tão maior quanto mais diversificados são, hoje, os estudantes da UC. E não é apenas na dimensão mais técnica que este apoio se exprime. Em cada momento e em cada espaço, desde as cantinas às residências, passando por diversos serviços como a lavandaria ou o espaço costura, e pelos apoios sociais, os SASUC procuram estar efetivamente *presentes e ativos*, respondendo às necessidades dos estudantes. É muito importante que estes desenvolvessem a *arte de saber identificar e usar o apoio de que necessitam.*



RL #47

Dossier

há
[mais de]

50

anos
a fazer a
diferença
na vida
de cada
estudante

ANA MORAIS *

Os serviços de ação social têm cumprido um papel de grande relevância no apoio à generalidade da população estudantil do ensino superior e, em particular, junto dos alunos mais vulneráveis. Na alargada pegada dos serviços sociais universitários de todas as instituições de ensino superior do país têm-se destacado, quer pela dimensão quer pelo volume e amplitude de serviços que prestam, os Serviços de Ação Social da Universidade de Coimbra (SASUC).

O percurso trilhado pelos SASUC pauta-se por diferentes etapas e diversos enquadramentos orgânicos. Se houve momentos de impasse, tendo em conta as restrições orçamentais ou ainda as adaptações do modelo de ensino superior português ao formato europeu, há também espaço para anos de crescimento, com a preocupação de tornar os serviços verdadeiramente sustentáveis. Para perceber as diferentes fases deste percurso, importa agora remontar até há (mais de) 50 anos e descobrir os vários marcos de consolidação da ação social promovida na Universidade de Coimbra (UC). Que comece a viagem...

A primeira manifestação de preocupações de natureza social no ensino superior português leva-nos até ao reinado de D. Dinis e aos primeiros estatutos da UC, no séc. XIV. Isenção de pagamentos de portagem aos estudantes ou autorização para transporte de mantimentos em qualquer parte do reino são exemplos ilustrativos dos primeiros passos da ação social na UC. Lamentavelmente, nos séculos seguintes e atravessando mesmo a Instauração da República, foram escassas as repercussões desta preocupação preconizada por D. Dinis. Apenas durante o Estado

Novo ressurgiu a necessidade de se pensar a ação social no contexto estudantil, ainda que com um caráter corporativista e comprometido com o regime. Foi também nesta altura que surgiram as primeiras residências de estudantes, algumas com serviço de refeitório integrado, as estruturas de apoio com a Sociedade Filantrópica da UC, ou ainda os primeiros apoios culturais e desportivos para a população universitária, através de centros desportivos, grupos corais ou teatros académicos. Depois de 1956, estas estruturas começaram a ser supervisionadas. Com a Crise Académica de 1962 foi consagrado o princípio da livre instituição de organizações circum-escolares, sendo contemplando o envolvimento do Estado para o desenvolvimento dos estudantes, numa lógica de concessão de subsídios às associações para habitação, alimentação e saúde. Em 1966, com a instituição dos centros de alojamento, dependentes das reitorias das universidades, começou também a regular-se o funcionamento de residências universitárias.

NOVOS DESAFIOS PARA OS SERVIÇOS SOCIAIS

É, então, que, a 7 de novembro de 1966, são criados os SASUC. Mantendo o modelo aplicado às restantes instituições de ensino superior, os Serviços Sociais estavam afetos à UC e dependentes do reitor. Nesta altura, começam a surgir as primeiras infraestruturas de apoio: as Cantinas Centrais, as residências universitárias mais antigas, a Creche e o Infantário (atualmente, Jardim de Infância) e os Serviços Médico-Universitários.

No pós 25 de Abril, com a democratização do acesso ao

ensino superior, assiste-se a um aumento exponencial da população universitária, o que reforça a necessidade de atuação dos serviços sociais. Até à década de 1980, os serviços sociais das várias instituições não apresentavam uma ação uniforme ou concertada. Apenas em 1977 foram definidos os primeiros critérios de atribuição de bolsas comuns a todas as instituições e só em 1980 foram definidas as bases estruturais dos serviços de ação social universitários – pessoas coletivas de direito público – dotados de autonomia administrativa e financeira, na direta dependência do Ministério da Educação.

Já na década de 1990, surgem alterações substanciais ao apoio social prestado aos estudantes universitários. Quer a Lei da Autonomia das Universidades quer a primeira Lei das Propinas reintroduziram um cenário de grande contestação estudantil, com fortes expectativas quanto ao reforço do apoio social prestado. Em 1993, ano em que os serviços sociais passaram a Serviços de Ação Social, foram estabelecidas as bases da política de ação social no ensino superior, enquadrando o seu desenvolvimento no âmbito das respetivas instituições de ensino, às quais competia definir o modelo de gestão a adotar e a escolha dos instrumentos mais adequados para executar a política definida pelo Governo. Por sua vez, foi também por esta altura que surgiram novas infraestruturas de apoio à academia: a Residência António José de Almeida; o Centro Cultural D. Dinis; o Complexo Alimentar do Polo II; o Centro Cultural Casa da Pedra; a Cantina do Estádio Universitário, as Residências Universitárias dos Polo II e III.

DAS RESTRIÇÕES ORÇAMENTAIS AOS NOVOS APOIOS

Com o virar do milénio colocam-se novos desafios ao ensino superior e, em particular, à ação social. Tornar os serviços de ação social sustentáveis começa a ser uma preocupação. Com o Regime Jurídico das Instituições do Ensino Superior – RJIES de 2010, os Serviços passaram a ter autonomia administrativa e financeira e passam a ser geridos pela figura de administrador. É também em 2010 que surge o primeiro Regulamento Orgânico dos SASUC, mas é em 2012 que se operam alterações significativas ao seu modelo orgânico e de gestão, perante o contexto de forte restrição orçamental, com impacto direto na redução do financiamento das instituições de ensino superior. A par da reorganização da estrutura orgânica dos SASUC, é também neste ano que é publicado o Regulamento Geral dos SASUC, que os define como um serviço da UC, ao qual cabe desenvolver a ação social universitária no seu âmbito. Nesta última década regista-se ainda a inauguração da Cantina Monumentais (Pizarria), as novas instalações dos serviços médicos e a lavandaria *self-service*, bem como a criação do PASEP – Programa de Apoio Social a Estudantes através de atividades de tempo Parcial.

Ao longo destes (mais de) 50 anos é evidente que a preocupação

foi sempre proporcionar as condições para que todos os estudantes

tenham condições de frequentar o ensino superior. Para provar

estes anos de consolidação e para terminar esta já longa viagem,

aterramos em 2015 e apoiamo-nos nos dados mais recentes.

17 unidades alimentares em todos os polos da UC, totalizando cerca

de um milhão de refeições servidas. 14 residências universitárias

com mais de 1300 camas um pouco por toda a cidade. Cerca de

sete mil consultas médicas realizadas em várias especialidades.

Mais de uma centena de crianças divididas entre a Creche e o

Jardim de Infância. Cerca de quatro mil bolsas atribuídas e mais

de 90 estudantes frequentadores do PASEP. Multiplicando os

dados do último ano civil por estes séculos de apoio ou apenas

por estas cinco décadas, encontraremos um número avultado

e representativo do volume e da amplitude dos SASUC.

É a certeza de que a missão escondida por detrás destes dados fez a diferença na vida de cada estudante que passou pela UC que nos motiva a querer viajar por mais de 50 anos (ou muito mais)...

**Jornalista e estagiária nos SASUC*



FABIANA PEREIRA

2.º ano do Mestrado Turismo, Território e Patrimónios na
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC)
Licenciada em Línguas Modernas pela FLUC
Ex-bolseira – Residência Universitária Combatentes
(em mudança para AJA) – Ex-delegada

Sem os SASUC muitos estudantes teriam de abandonar a Universidade

Residência de Estudantes do Polo das Ciências da Saúde
Projeto da Arquitecta Paula Santos, Arquitectos, Lda, 2001/2005

Corria o mês de setembro do ano de 2012 quando tive soube que tinha entrado na Licenciatura em Línguas Modernas na Universidade de Coimbra. Estava muito feliz, mas a verdade é que isso iria significar alguns desafios económicos. Teria de mudar para uma nova cidade, longe dos meus pais, arranjar uma nova casa, sustentar viagens, alimentação, etc. As despesas eram muitas. Já tinha ouvido falar de casas para estudantes universitários a preços mais baixos, mas nem sequer sabia se conseguiria uma bolsa de estudo. Vim a Coimbra na semana das matrículas sem qualquer plano. Não tinha casa e não fazia ideia de como seria a minha vida. Tentei informar-me junto de outros estudantes, que atenciosamente me encaminharam para o núcleo de alojamentos dos Serviços de Ação Social de Coimbra (SASUC). Lá, uma funcionária muito simpática ensinou-me a fazer a candidatura, explicou-me quais seriam as minhas credenciais de acesso e como poderia continuar o processo em casa. Já com matrícula e candidatura a alojamento feitas, voltei na mesma semana a Coimbra para me mudar e assinar o contrato. Por descuido, esqueci-me do meu certificado multiusos, e mais uma vez, pude contar com a compreensão das assistentes sociais, que reservaram o meu quarto para a semana seguinte, desde que me apresentasse antes das nove horas no núcleo de alojamentos. Assim o fiz e o quarto ficou meu. Fui descobrindo, depois, as regalias de que poderia usufruir. Por ser bolseira, tive direito a complemento de alojamento e isso foi mais uma grande ajuda. Além disso, almocei sempre nas cantinas dos SASUC perto da faculdade. Mesmo quando tinha possibilidade de ir a casa almoçar, preferia as cantinas por serem tão baratas e completas. Vários jantares de amigos lá fizemos. O facto de ser bolseira deu-me, ainda, acesso grátis aos serviços médicos. Imprevistos acontecem e é bom saber que temos médicos disponíveis, mais perto e sem custos. Da mesma forma que estes contribuíram para o meu acesso ao ensino superior, considero que estes terão um lugar significativo na vida dos futuros estudantes. Sem os SASUC, muitos estudantes teriam de abandonar a Universidade.

JOÃO CASQUEIRO SANTOS
Mestrado de Arquitetura na
Faculdade de Ciências e Tecnologia
da Universidade de Coimbra
Bolseiro

Os Serviços de Ação Social da Universidade de Coimbra (SASUC) tiveram um papel importante na minha vida académica. O apoio que este serviço presta aos estudantes, desde o momento da chegada até ao momento da partida, é fulcral no percurso e na satisfação pessoal de quem com eles lida.

Quando ingressei na Universidade de Coimbra não tinha residência/habitação, mas soube, através dos SASUC, que estes tinham várias residências para estudantes da Universidade. A primeira impressão que tive destes serviços foi, desde o início, muito positiva. Logo se disponibilizaram para me ajudar em todo o processo de candidatura: do alojamento à integração no espírito académico.

As vantagens de ser bolseiro são muito determinantes na minha atividade académica. Considero-me um dos privilegiados por ser apoiado no que diz respeito aos meus objetivos. Sem este tipo de apoio não seria capaz de os concretizar. A possibilidade que nos dão de frequentar a universidade carrega muita responsabilidade. Acho que podemos encarar a situação de ser bolseiro como se um investimento por parte do nosso país se tratasse. A única coisa que temos de fazer é representá-los da melhor forma, dando o exemplo e obtendo boas notas. Os SASUC assumem, cada vez mais, um papel ativo, importante e determinante na UC, oferecendo à comunidade académica mais ferramentas para um melhor futuro profissional.

Os SASUC assumem, cada vez mais, um papel ativo, importante e determinante na Universidade de Coimbra



Residência Universitária 2, Polo II, 2000-2003, projeto dos arquitetos Carlos Martins e Elisário Miranda

LILIANA CHAVES

Licenciatura em Engenharia e Gestão
Industrial na Faculdade de Ciências e
Tecnologia da Universidade de Coimbra
Bolseira – Residência Universitária Polo III



Residência de Estudantes do Polo das Ciências da Saúde
Projeto da Arquitecta Paula Santos, Arquiteros, Lda, 2001/2005

Contar com o apoio dos **SASUC** deu-me a força que precisava para continuar

Assim que soube que tinha sido colocada na Universidade de Coimbra (UC) procurei respostas junto de um vizinho amigo que já lá estudava. Ele vivia numa residência dos Serviços de Ação Social da Universidade de Coimbra (SASUC) e ajudou-me a desencadear o processo. Assim, o meu primeiro contacto com os SASUC foi presencial, de modo a efetivar a minha entrada na residência. Por ser das ilhas, foi um processo bastante rápido, tendo dado entrada no dia da inscrição na UC. Sabendo pelos meus irmãos mais velhos como é viver numa residência universitária, e conhecendo também os seus preços convidativos, decidi procurar por este tipo de alojamento. Hoje, não me arrependo da escolha que fiz. Aconselho outros a tomarem a mesma decisão. Ter ficado colocada na UC e contar com o apoio dos SASUC deu-me a força que precisava para continuar, em diversos aspetos. Ser bolseira deu-me a oportunidade de realizar os meus estudos e tornou-me mais autónoma e responsável, pois pude começar a gerir o “meu” dinheiro de forma a pagar as minhas obrigações enquanto estudante. Foi para mim, então, um grande alívio, pois sem esse apoio dificilmente dava continuidade à minha formação. Os SASUC não estão direcionados só para estudantes com dificuldades financeiras; estão ao dispor de toda a comunidade académica (estudantes, professores e funcionários), proporcionando uma vasta oferta de diversos serviços como cantinas e bares universitários, lavandarias, serviços de costura, creches, serviços médicos e residências. São, sem dúvida, um pilar fundamental para o desenvolvimento das atividades da própria Universidade.

É impossível imaginar uma UC sem a cooperação dos

S A S U C

MÁRCIO SILVA

5.º ano de Ciências Farmacêuticas na
Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra
Bolseiro – Residência Universitária Polo III – Ex-delegado



Serviços de Saúde e de Gestão da Segurança no Trabalho

É preciso remontar ao verão do ano 2012 para recordar o meu primeiro contacto com os Serviços de Ação Social da Universidade de Coimbra. Por esta altura decorriam as candidaturas ao ensino superior e ainda pairava a incerteza em relação à cidade que me viria a acolher para a minha formação académica. Foi na sequência de uma visita a Coimbra, acompanhado pela família, com o propósito de conhecer a faculdade à qual me tinha candidatado, que cheguei pela primeira vez ao Polo III. Fiquei deslumbrado com o que vi, um polo universitário moderno, com boas acessibilidades e com uma residência universitária imponente. Foi então que, numa tentativa de me informar sobre o alojamento na cidade, me dirigi à Residência Universitária do Polo III. Aqui fui recebido pelo assistente residencial que com muita gentileza me mostrou todas as áreas. Naquele momento, e por unanimidade familiar, estava decidido que se o meu futuro passasse por Coimbra, ficaria alojado naquela magnífica residência.

Desde o meu ingresso na Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra, tenho tido a oportunidade de usufruir da condição de bolseiro. Nos tempos que correm, o acesso a uma bolsa de estudo é uma ajuda preciosa para que muitos estudantes possam prosseguir os seus estudos. A condição de bolseiro tem permitido amortizar o esforço económico que a minha família tem feito para suportar os custos dos meus estudos no ensino superior. Sendo natural de Vila do Conde, começar a estudar em Coimbra veio ainda acarretar uma sobrecarga económica no que respeita ao alojamento na cidade. Neste sentido, é de louvar o apoio que os SASUC proporcionam aos estudantes alojados nas residências universitárias. Para mim, ser bolseiro é saber dar valor às pessoas que tornam possível o nosso crescimento e sem dúvida que tem feito toda a diferença neste meu percurso académico.

É imensurável a importância dos SASUC para a Universidade de Coimbra (UC) e para os futuros estudantes. A sinergia criada entre os diversos serviços prestados pelos mesmos e a UC é de tal forma vigorosa que me é impossível imaginar uma UC sem a cooperação dos serviços. É ainda notório o progresso que estes têm realizado, ano após ano, na melhoria das condições dos serviços que oferecem à comunidade universitária. Para os futuros estudantes, os SASUC, através da sua oferta cultural, das cantinas e residências universitárias, do fundo de apoio social e outros serviços, permitem um acolhimento e uma integração mais fáceis destes estudantes na cidade de Coimbra.

crecer uc

JOANA BRONZE FERREIRA *
NUNO FREITAS **
ANA CRISTINA MARQUES ***



Olá! Bom diaaaa!!! Ai, que sorriso tão grande!!!

Adeus, Mãe. Até logo. Vamos dizer adeus à janela e a seguir vamos ler uma história?

No primeiro dia parece um coro desgovernado de choro – dos filhos, mas também dos pais. Se há elos que jamais são quebrados, a separação física, ainda que temporária, corta rente no coração de quem ama. Fica a confiança que se constrói e renova a cada dia, impulsionada pela inevitabilidade do saber que a vida custa e que tem mesmo de ser. Numa outra fase, mais serena, chega a percepção do lugar feliz, familiar, competente, tolerante, respeitador.

São duas as casas dos mais novos estudantes da Universidade de Coimbra (UC): a Creche, em frente ao Campo de Santa Cruz, e o Jardim de Infância, na Avenida Dias da Silva. Cada uma com seu pátio, cada qual com seus encantos. Ambas marcantes e inesquecíveis.

Em cada dia, há conquistas, experiências, sucessos, desaires e sorrisos, muitos e genuínos, partilhados com amigos reais e imaginários. Alguns vêm de outros países e falam outras línguas. Alguns não conseguem ver ou ouvir. Alguns são tagarelas. Alguns são para o calado. Todos são únicos, especiais e muito amados. Todos sabem que Crescer UC é brincar para aprender a crescer. E sim, os pais vêm, porque nunca chegam verdadeiramente a partir, que a família está presente ao longo do ano letivo nas diferentes atividades, seja para aplaudir o primeiro mergulho na atividade de natação, para elogiar as canções aprendidas na atividade de música ou para ajudar a fazer tacinhas de fruta na visita à cantina, por ocasião do Dia Internacional da Família.

Sabes, ontem brinquei com o meu primo.

Ai foi? E gostaste?

Sim. Mas ele ainda não sabe brincar muito bem, porque é muito bebé e os bebés ainda não sabem brincar e são muito pequeninos e não se pode mexer neles com força e nem sabem falar e nem comer e nem sequer sabem o que são batráquios!...

Crescem tão depressa e sabem tanto sobre a vida! Crescer UC é crescer com opinião, com um sentido de pertença a uma comunidade pensante e atuante, seja na defesa de interesses próprios, seja de outros. No Dia do Pijama percebe-se que há pijamas mesmo, mesmo, muito giros e que há meninos que precisam de um mimo numa casa, com uma família. Todos os dias se percebe que família deriva de coração, numa etimologia de afetos. Todos os dias se constrói e destrói e reconstrói, às vezes de forma intencional, outras porque foi sem querer e se beija com direito a retratação, ora sentida, ora circunstancial. Há meninos que ficam todo o ano, mas outros só estão cá um bocadinho e depois vão-se embora. Como há casas que ficam muito longe, escrevemos desenhos e recados, e também recebemos respostas.

Ao fim de uns anos, sai-se UC, para voltar e visitar. Chega o sentimento que se passou uma fase importante, de boas lembranças, mas intrigante, já que as cadeiras ficaram mais pequenas, mas os abraços não tenham encolhido. Estarão a preparar alguma atividade sobre *Alice no País das Maravilhas* para a próxima festa?

Jardim de Infância dos SASUC

* Técnica Superior nos SASUC, responsável pela Comunicação Institucional
** Educador de Infância, Coordenador pedagógico do Jardim de Infância dos SASUC

*** Educadora de Infância, Coordenadora pedagógica da Creche dos SASUC



Maquete da Biblioteca Joanina para apoio a visitantes com deficiência visual

integral

JOANA BRONZE FERREIRA *
MARIA JOÃO CARVALHO **

* Técnica Superior nos SASUC
responsável pela Comunicação Institucional
** Chefe da Divisão de Acolhimento e
Integração dos SASUC

Está na legislação, está na intenção, continua a desenvolver-se na ação, também esta social. Como o pão, que a todos alimenta, é integral a inclusão que se pretende das pessoas com deficiência no meio académico. Por integral entende-se que todos inclui. E todos significa sem exclusão de ninguém.

As barreiras são para lá de muitas e as mais difíceis de vencer nem serão as da acessibilidade, porquanto as soluções tecnológicas não cessam de surgir, apesar de num edificado secular implantado numa universidade dispersa em terrenos de características geomorfológicas desafiantes, por vezes haver a sensação de que a adaptação demora um tempo com o qual a vida das pessoas que delas necessitam não se compadece. O trabalho da equipa técnica é o de disseminar a existência dos apoios pelas escolas secundárias de referência para as diversas deficiências e verificar, no que diz respeito às características individuais, as possibilidades existentes.

Após a chegada à Universidade de Coimbra (UC), há que assegurar a tramitação do reconhecimento da deficiência, caso seja essa a vontade da pessoa. Também, e apenas a pedido, é feito o plano individual de acompanhamento. Tal como os destinatários, a equipa trabalha em grupo, numa rede que ultrapassa os limites da UC, da cidade e do país. Na força de vontade, no profissionalismo e na especialização de cada um dos membros da rede de apoio, reside a sua capacidade de superar obstáculos e de sonhar.

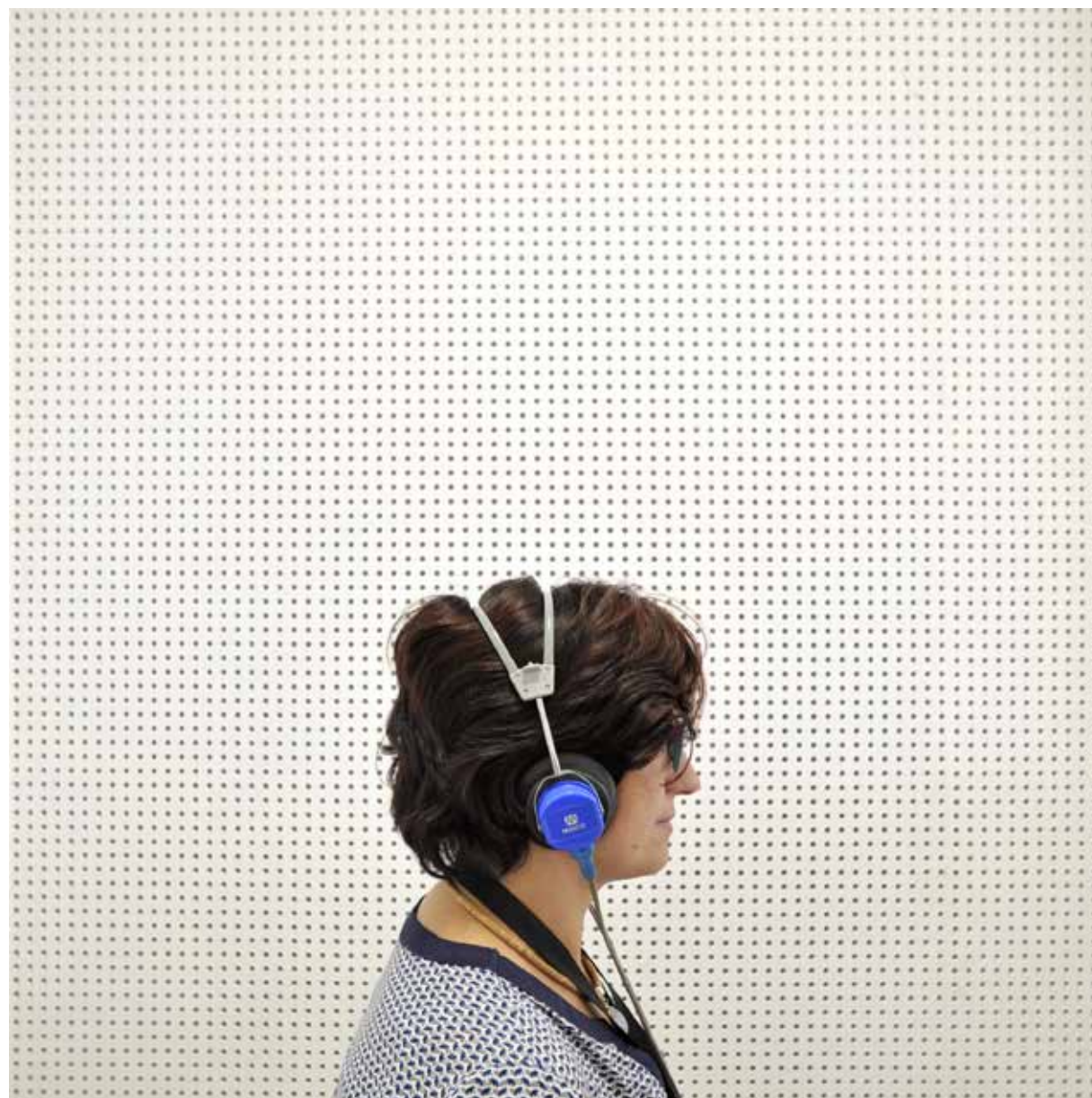
Da visita ao Museu Nacional Machado de Castro e do exemplo inspirador do Museu da Comunidade Concelhia da Batalha, aliados ao desafio da participação na 18.ª Edição da Semana Cultural da UC resultou a materialização da ínfima parte de um sonho há muito perseguido: a possibilidade de a Biblioteca Joanina ser visitável de forma guiada por pessoas com deficiência visual e auditiva. A primeira aconteceu a 28 de abril, mas os materiais desenvolvidos ficaram disponíveis para usufruto de todos os visitantes da UC – **ênfase** na palavra **todos** –, porque a Biblioteca Joanina também se quer integral.

Havia muito trabalho preparatório já realizado e alguma experiência acumulada. Desde o início, foi entendido que o desafio deveria ser encarado numa perspetiva de conjunto e, por isso, no projeto apresentado à Reitoria foi contemplada uma parceria com entidades da UC (fora desta), para desenvolvimento de conteúdo informativo, de modo a que os visitantes vejam melhorada a experiência de visita. Ao Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da UC foi lançado o desafio da conceção de maquete da Biblioteca Joanina para apoio a visitantes com deficiência visual; ao Instituto de História de Arte da Faculdade de Letras da UC, o da criação de conteúdos descritivos adaptados aos visitantes com deficiência visual; ao Turismo da Universidade de Coimbra, o fornecimento de conteúdos existentes em versão editável e o apoio às visitas adaptadas; à Escola Superior de Educação de Coimbra do Instituto Politécnico de Coimbra, a consultoria em circuitos adaptados a pessoas com deficiência visual, a disponibilização de falante de Língua Gestual Português/Internacional para gravação vídeo do guia de apoio à visita, a ser acedido através de *tablets* de empréstimo a pessoas com deficiência auditiva; e à Associação dos Cegos e Amblíopes de Portugal (ACAPO), a consultoria em circuitos adaptados a portadores de deficiência visual.

De um esforço integral nasceu o projeto-piloto de algo que se quer ampliado, replicado e integralmente fruído e como o pão: integral.



Centro de Documentação do NIA, Arquivo Sonoro



c u i d a r

ANTÓNIO QUEIRÓS *

Em forma. Prontos para vencer.

Os atuais Serviços de Saúde e de Gestão da Segurança no Trabalho (SSGST), nova estrutura criada em 2014 na senda da pioneira e já longa preocupação da Universidade de Coimbra (UC) com o bem-estar dos seus estudantes e trabalhadores, desenvolvem a sua ação no âmbito da prestação de cuidados de saúde à comunidade académica em geral, assegurando ainda a organização das atividades de segurança e saúde no trabalho.

Ocupando novas instalações desde setembro de 2015, no edifício da Faculdade de Medicina (Polo 1), os SSGST orientam a sua atividade para a resposta às necessidades decorrentes das características específicas de uma população essencialmente estudantil, em grande parte deslocada das suas áreas de residência habitual e, cada vez mais, internacional. Atualmente disponibilizam serviços de Enfermagem, consultas de Clínica Geral, Ginecologia e Planeamento Familiar, Oftalmologia, Medicina Dentária, Medicina de Viagem, Psiquiatria, Psicologia e Nutrição. Dispõem, ainda, de um posto de colheitas para a realização de análises clínicas, a cargo da Faculdade de Farmácia. No âmbito da Saúde Ocupacional promovem a realização de exames de saúde de Medicina do Trabalho, procedem à investigação de incidentes e acidentes de trabalho e desenvolvem atividades de investigação e de promoção da saúde.

Procurando uma maior integração na comunidade envolvente, os SSGST apostam no estabelecimento de protocolos com outras entidades – Centros de Investigação, Centros de Divulgação de Ciência, Escolas Secundárias – que se traduzem na prestação de serviços e na troca de experiências a nível técnico e pedagógico.

Nota: as marcações são realizadas em https://portal.sas.uc.pt/e_consultas e destinam-se a todos os membros da comunidade universitária.

Chefe da Divisão de Serviços de Saúde e de Gestão da Segurança no Trabalho dos SASUC

Serviços de Saúde e de Gestão da Segurança no Trabalho



tal como em casa, aqui.

JOANA BRONZE FERREIRA * MARIA ISABEL ROQUE **

É desta mescla de saber fazer com conselhos avisados que se vale quem recebe trouxas de roupa de mais de 1000 residentes, toalhas de mesa, guardanapos e saíotes de dezenas de serviços de *catering*, batas, jalecas e bibes, tudo isto no espaço de uma semana. Sem baráço, que o tempo é curto e o rol crescente, o afã é grande na lavanderia industrial. Ali mesmo ao fundo das escadas monumentais, a *Lavandaria, Engomadoria e Espaço Costura*, além de assegurar o tratamento da roupa resultante das atividades desenvolvidas pelos Serviços de Ação Social (SASUC), tem vindo a cativar cada vez mais estudantes (e não só).

A mudança de instalações, em setembro de 2015, terá sido um fator importante para atrair as atenções e aumentar o conforto dos visitantes. A disponibilização de uma lavanderia *self-service* também ajuda quem circula pelo Polo I da Universidade de Coimbra (UC) e aproveita uma pausa para tratar da roupa da semana. Numa hora e pouco, tudo lavado e enxuto – cena de filme há uns anos, cada vez mais usual no país, em Coimbra e também no espaço universitário. Se a ideia for passar a ferro, é só deixar ficar e ir buscar no prazo fixado. E se for preciso coser um botão, mudar um fecho ou mesmo conceber uma nova peça de vestuário, tudo se trata no mesmo local. De bibes para crianças, vestidos para o Baile de Gala ou mascotes para apoio aos atletas da UC que integraram a comitiva olímpica portuguesa nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, nada é demais para que Coimbra seja a terra de todos – o lugar onde pertencemos e integramos uma universidade singular e onde paira um aroma especial. Não será mais do que detergente e amaciador, mas que assume ampliado sentido para quem veio de outras paragens e cuja cabeça se aconchega na almofada enquanto deita balanço ao dia findo. E se não se tiver, pede-se emprestado, que o consumo colaborativo é social e economicamente responsável e as bolas de naftalina há muito caíram em desuso. No Banco de Trajes Académicos, quem comprou o seu e já não precisa pode doar; e quem precisa pode usar, sendo possível o empréstimo de hábitos talares.

* Técnica Superior nos SASUC, responsável pela Comunicação Institucional

** Técnica Superior nos SASUC, Coordenadora da Divisão de Oferta Integrada de Serviços

34

RL #47
OFICINA DOS SABERES
ribalta



Restaurante Universitário Luzio Vaz, Polo das Ciências da Saúde
projeto do gabinete Lima Caspar, Lobato Santos Arquitectos, Lda. 2001/2003

xiribitatatá!

saber coimbra é uma lição...

JOANA BRONZE FERREIRA *
LUÍS LAVRADOR **

... e também no que à alimentação respeita. Ao saber académico juntam-se os ingredientes da dedicação, da longa experiência e a busca contínua da receita que melhor corresponda ao palato da comunidade universitária. São estes os ingredientes ocultos que integram os produtos confeccionados em 17 unidades alimentares entre cantinas, bares e restaurantes universitários. A vitalidade e capacidade de contínua adaptação e resposta da oferta alimentar da Universidade de Coimbra (UC) conferem um cariz camaleónico à Divisão de Alimentação, sendo comum o surgimento de novos produtos e serviços. A realização dos Encontros de Cozinhas do Mundo, destinados a aproximar os milhares de estudantes estrangeiros dos temperos das suas origens, abrindo os horizontes gastronómicos da população universitária local, e a venda de gelados aos milhares de turistas que visitam a UC são disso exemplos, tal como a abertura de uma pizzeria, a disponibilização de uma oferta social de carne, peixe, vegetariana, dieta e *take-away*. A higiene e segurança alimentares, assim como o equilíbrio nutricional das ementas, são garantidos por uma equipa de profissionais, sendo preocupação o combate ao desperdício alimentar. E também nesse domínio, o espaço universitário é um campo de excelência.

Parte da estratégia de responsabilidade social e ambiental do apoio alimentar à comunidade universitária assenta no combate ao desperdício alimentar, cuja excelência na categoria de melhor receita foi distinguida com o Selo de Reconhecimento Boas Práticas de Prevenção do Desperdício Alimentar – PratØ [lê-se Prato Zero], atribuído pela Secretaria de Estado da Alimentação e da Investigação Agroalimentar. O XIRIBITATATATÁ é um folhado em forma de cesta, com recheio de ingredientes frescos, de elevada qualidade e decorrentes de aproveitamentos, que comprova o interesse da comunidade universitária de Coimbra em adotar novos comportamentos com vista ao desperdício alimentar zero. A sua procura comprova o esforço efetivo da comunidade na redução deste desperdício alimentar, que se estima em sete toneladas por mês, mas que desde abril deste ano já reduziu uma tonelada. Além dos resultados diretos, os SASUC acreditam que também a nível pessoal toda a comunidade universitária repensou os comportamentos alimentares que conduzem ao desperdício. Numa ação contínua, com a contribuição de estruturas e pessoas de dentro e fora da Universidade de Coimbra, estão a ser exploradas formas de elevar esta iniciativa a um novo patamar de sustentabilidade ambiental ao nível da otimização de resíduos orgânicos, estando em curso a fase de monitorização e análise da viabilidade desta segunda fase do projeto “Menos é Igual a Mais”.

coimbra é nossa e há de ser!

A cena das bengalas entrelaçadas pelos cabos, numa dança de roda feita por estudantes em euforia, que elevam as vozes para anunciar ao Mundo que Coimbra há de ser sua até morrer, perpassa as gerações e transporta-nos para um território de nostalgia e pertença. Numa universidade onde o estudante é figura central, também nos momentos de celebração a estrutura universitária abre alas para deixar passar o cortejo e cria condições para que a Queima das Fitas seja singular e inesquecível. Mesmo que para que tal aconteça, várias pessoas passem a trocar os dias pelas noites, de forma a que a cantina mais próxima do palco das festividades noturnas esteja ininterruptamente aberta durante uma semana, na qual muitas dezenas de almoços e jantares serão servidos a milhares de atuais e antigos estudantes de Coimbra.

E logo após a charamela ter louvado o empenho de um novo Doutor de Coimbra ao som do Hino Académico, segue a comitiva para o Palácio de São Marcos, para a celebração de um percurso excepcional, sendo esperada refeição condizente com a solenidade do momento. Também aí, a cátedra dos sabores fica no palato de quem degusta tão delicioso festim.

Usar com sabor

Da massa crítica à massa quebrada, em tudo Coimbra é uma aprendizagem. Através dos *workshops* gastronómicos é possível aprender a cozinhar. Para experimentar, fica a receita (ver página seguinte).

* Técnica Superior nos SASUC, responsável pela Comunicação Institucional

** Chefe da Divisão de Alimentação dos SASUC

Gadus Morhua & companhia

Luís Lavrador *

Também conhecido por *fiel amigo* – e ainda mais por bacalhau –, *Gadus Morhua* é a designação científica de um peixe autóctone do gélido mar escandinavo, e muito apreciado em terras lusitanas, com tradição de seca no distrito de Coimbra. Várias gerações o viram secar ao sol, espraído sobre redes assentes em estacas de madeira.

Magro e facilmente digerível, é rico em proteínas, minerais (cálcio, iodo, ferro e vitamina B) e ácidos gordos polinsaturados. O seu consumo moderado e regular, beneficia o sistema cardiovascular. Contudo, por ser, em regra, confeccionado a partir da variante seca e salgada, importa demolhá-lo bem e em várias águas, durante 24 a 48 horas, dependendo da espessura, para redução do teor salino.

SUGESTÃO DE CONFEÇÃO (PARA DUAS PESSOAS)

Ingredientes

2 postas de bacalhau demolido (≈ 150 gr. cada); 1 pé de brócolo; 1 cenoura; 1 tomate; 150 gr. de grão-de-bico; 150 gr. de batata; 50 gr. de miolo de broa; 30 gr. de azeitona preta descaroadada; 1 dl. de azeite; sal q.b.; pimenta branca moída q.b.

Preparação

Para o bacalhau

Numa frigideira bem quente, verter um fio de azeite e dourar as postas de bacalhau.

Para a esmagada de grão-de-bico e batata

Em água e sal a ferver, cozer separadamente o grão-de-bico e a batata. Coar a água e juntar os ingredientes. Esmagar grosseiramente com um garfo, temperar com um fio de azeite e um toque de pimenta branca moída, mexendo para homogeneizar grosseiramente. Trabalhar a massa com recurso a duas colheres de sobremesa até formar uma *quenelle*, formato característico dos pastéis de bacalhau, que se obtém pela raspagem repetida da pasta de uma colher para a outra num movimento circular.

Para a esmagada de broa com azeitona

Num processador de cozinha, triturar o miolo de broa e as azeitonas pretas descaroadas até obter uma pasta homogénea de textura semelhante a areia molhada.

Para os vegetais

Escaldar a cenoura em água fervente temperada com sal e um fio de azeite.

Juntar o pé de brócolo.

Assegurar que os vegetais ficam crocantes, verificando com um garfo.

Para a companhia

Dispor os ingredientes de forma harmoniosa em dois pratos. Degustar a receita em boa companhia.

Que grão a grão se alegre o coração!



* Chefe da Divisão de Alimentação dos SASUC

a gastronomia molecular ou o laboratório na cozinha



PAULO E. ABREU *

Existe quase uma ligação natural entre a cozinha e um laboratório químico, seja porque se utilizam instrumentos e alguns produtos semelhantes (caso do cloreto de sódio, por exemplo), seja porque usam o calor e o frio de forma parecida. Incontestável é que nos dois sítios ocorrem reações químicas.

Desde a descoberta, no meu percurso escolar, da existência de uma ciência que estuda a transformação das substâncias, que nasce o meu interesse por ela, surgindo, assim, o meu amor pela química enquanto ciência. O meu interesse pela culinária era funcional: queria preparar a comida de que gostava. Lembro-me muito bem da minha primeira tentativa (e falhanço) culinário: temperar alface/salada. Pareceu-me que a tarefa era simples, uma vez que apenas eram necessários três ingredientes: sal, vinagre e azeite. No entanto, como aprendi rapidamente, equilibrar estes três sabores é muito mais complicado do que o número de componentes deixa antever. No final, tinha uma taça onde a alface flutuava num mar de líquido sem o sabor desejado. Este fracasso ensinou-me bastante sobre a precisão culinária.

Sempre que falo sobre gastronomia molecular, começo por referir-me ao livro *A Fisiologia do Gosto*, de Brillat-Savarin (publicado em 1825), porque além dos aforismos que toda a gente conhece, como o “Diz-me o que comes, dir-te-ei quem és”, demonstra um interesse científico sobre as bases da cozinha: “A gastronomia é o conhecimento racional de tudo o que se relaciona com o homem, enquanto ser que come”; “A gastronomia tem que ver com: [...] a física, pelo exame das suas componentes e das suas qualidades; a química, pelas diversas análises e decomposições a que submete os alimentos”, in *A Fisiologia do Gosto*, Brillat-Savarin (Ed. Relógio d’Água).

O interesse pelos aspetos científicos da comida aparece quase imediatamente do nascimento da química como ciência. Antoine Lavoisier, considerado o pai da química, estuda a forma mais eficiente de extrair sabor e nutrientes quando se preparava o caldo de carne, usado para alimentar os soldados feridos. Esta tendência continua com outros cientistas até aos nossos dias, mas embora existisse muita investigação sobre os processos industriais relacionados com a comida, sabia-se muito pouco sobre o que acontece aos alimentos quando são cozinhados. É neste contexto que aparece a expressão gastronomia molecular. A origem do termo gastronomia molecular está ligada aos nomes de Nicolas Kurti e Hervé This, nascendo

da necessidade de dar nome a um *workshop* organizado em Erice (Sicília – Itália), em 1992, pelo físico húngaro Nicolas Kurti, fazendo parte da organização o químico francês Hervé This e o escritor de ciência Harold McGee, cujo livro *On food and science: The science and lore of the kitchen* tinha sido publicado em 1984 e era já considerado uma obra fundamental para a ciência dos alimentos.

Qual a é motivação da gastronomia molecular? Esta é apresentada sob a forma de quatro diretivas:

1. Explorar cientificamente as “definições culinárias”;
2. Coligir e testar informação culinária;
3. Explorar cientificamente o aspeto artístico da cozinha;
4. Explorar cientificamente o aspeto social da cozinha.

As definições culinárias do primeiro ponto correspondem às receitas e às técnicas que herdamos dos nossos antepassados. As diretivas demonstram um interesse no conhecimento científico dos processos culinários e, ao mesmo tempo, na sua disseminação.

A gastronomia molecular trouxe para o domínio da culinária muitas técnicas e ingredientes que eram, antes, do domínio exclusivo dos laboratórios. Talvez o mais notório seja a exatidão necessária na realização destes processos, sendo comum a medida de volumes com precisão do mililitro e a pesagem até à décima do grama, que replicam o que se passa num laboratório. Esta necessidade nasce de um maior controlo dos processos culinários para garantir a sua reprodutibilidade. Entre as técnicas mais conhecidas temos a cozedura e a temperatura controladas *sous vide*, que permite cozinhar carne, peixe, vegetais ou ovos até a sua temperatura interior atingir um valor pré-definido (a não ultrapassar). Por exemplo, a temperatura para um ovo considerado perfeitamente cozido é de 63 graus Celsius. Para obtê-lo, este é mergulhado num banho termostático, a esta temperatura, durante uma hora. A grande vantagem deste processo é que a cozedura produz um ovo sempre perfeito e não existe a possibilidade de o cozinhar em demasia.

No extremo oposto de temperatura, podemos usar azoto líquido ou gelo seco (dióxido de carbono sólido) para a produção de gelado. Usando estes dois agentes de arrefecimento, conseguimos produzir um gelado que não irá conter muitos cristais de gelo, originando um gelado mais suave, e no caso do gelo seco, com algum sabor

proveniente do dióxido de carbono que ficou preso no interior do gelado. A transglutaminase, uma enzima que promove a formação de ligações entre alguns aminoácidos, pode ser usada para colar tipos de proteínas diferentes, dando origem a novos ingredientes – as “delícias do mar”, por exemplo, ganham a sua forma graças à transglutaminase que agrega as proteínas de peixe e da farinha. São também usados sistemas de alta pressão que criam, rapidamente, espumas ou musses. O que é mais comum associar à gastronomia molecular é toda uma variedade de pós que permitem alterar a textura dos alimentos. Alguns são mais conhecidos e existem nas nossas cozinhas, sendo a gelatina e o amido de milho exemplos comuns. Outros são menos conhecidos, mas cada vez mais usados nas cozinhas domésticas: ágar-ágar (forma géis mais duros e quebradiços que a gelatina convencional), goma de xantano (quando adicionado em pequena quantidade a um gelado, torna-o mais cremoso e com maior facilidade em reter o ar), metilcelulose (quando quente, forma um gel que derrete quando a temperatura baixa), maltodextrina (permite alterar a textura

de gorduras líquidas, transformando-as em pós, que na boca se transformam novamente no líquido), o sistema alginato/iões cálcio que permite encapsular líquidos em pequenas esferas, e outros que se usam para gelificar, espessar ou estabilizar uma mistura de ingredientes.

A gastronomia molecular conduz-nos naturalmente à cozinha, nota a nota, onde os pratos são confeccionados com recurso às substâncias puras (glicose, cloreto de sódio, glicerol, e outros que se podem encontrar facilmente num laboratório) ou à cozinha modernista, ultracomplexa em processos e medidas. A sua aparente rejeição parece estar associada a movimentos como o *farm to table*, onde a frescura e a quase não modificação dos ingredientes contrastam com a transformação quase industrial da gastronomia molecular. No entanto, a sua influência parece ser duradoura, como demonstra a adoção dos novos processos de confeção de alimentos e a precisão usada nas medidas que surgem nas receitas culinárias.

* Professor Auxiliar no Departamento de Química da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra



Ovos em Salmoura alcalina recorrendo a indicadores ácido-base

43

RL #47
OFICINA DOS SABERES
ciência refletida



Regina Bento

MARTA POIARES

"A maior lição que os SASUC podem ensinar é que tudo é possível"

Em tempo de celebração dos 50 anos dos Serviços de Ação Social da Universidade de Coimbra (SASUC), desenrolam-se balanços e ajustam-se pontos de partida. Regina Bento, administradora dos SASUC desde 2012, vai além dos festejos que se estendem até ao final do ano e faz contas à história de uma vida em missão: os "sociais", como são chamados, nasceram em 1966, dividem-se em 17 cantinas, 926 000 refeições por ano, 14 residências, 1350 camas, 7150 consultas médicas realizadas e 4171 bolsas atribuídas. Entre apoios diretos e indiretos, preservação e inovação, a palavra de futuro é também a de ordem: os SASUC querem ser bandeira de atração – e distinção – da Universidade de Coimbra (UC). E se à primeira vista está a função de ajudar, para sempre estará a mesma lição: a de que tudo é possível.

44

RL #47 | AO LARGO
entrevista

Os SASUC contam, agora, com cinco décadas de existência. Atualmente, como os caracteriza enquanto serviço de apoio aos estudantes?

Os 50 anos dos SASUC são um marco importante que nos obriga, naturalmente, a refletir sobre o passado e a definir perspetivas para o futuro. Nos últimos tempos, os SASUC têm feito um esforço de reinvenção, tanto pelo contexto do país, como do financiamento das instituições de ensino superior, ou mesmo das mudanças nas necessidades dos estudantes. Afinal, os SASUC têm vindo a posicionar-se no centro da vida destes últimos, assumindo-se como um serviço que pretende tornar a sua vida mais fácil. E é assim que continuamos a posicionarmo-nos hoje, tal como há 50 anos. Claro que com serviços e posturas completamente diferentes de abordagem na comunicação com os estudantes.

Mas sempre como um mecanismo essencial à inclusão social. Absolutamente essencial. Está no ADN dos serviços de ação social o princípio da igualdade de oportunidades. E continuará a estar. O ensino superior, apesar de público, não deixa de ser muito elitista. Sem estes serviços a procurarem que todos os estudantes acedam à universidade, se mantenham na universidade, e concluam a universidade, o nosso ensino superior universitário seria ainda mais elitista, aonde poucos chegariam por restrições socioeconómicas.

Poderá dizer-se que, sem os SASUC, nos últimos anos, teria havido muito mais alunos a ficar de fora do ensino superior? Sem dúvida. E a nossa angústia diária é que mais fiquem, muitas vezes, por desconhecimento dos próprios serviços.

Como se pode inverter esse cenário?

Existe uma rede de apoio articulada?

É difícil comunicar com os estudantes e fazer-lhes chegar a mensagem. Costumo dizer que até para lhes dar dinheiro é preciso andar atrás deles (risos). E é verdade. Em 2012, senti essa dificuldade e, por isso, na altura, criámos de imediato uma página institucional de Facebook, no sentido de tentar estar onde os estudantes estão. Isso foi e está a ser bastaste eficaz, mas claro que não chega. A rede dos núcleos é também muito importante, ainda que estes tenham, tal como nós, dificuldade em motivar os colegas. Muitas vezes, pedem-nos ações de sensibilização, para falarmos sobre apoios sociais, e temos duas ou três pessoas na sala. Por isso, de há três anos para cá, os SASUC passaram a estar presentes no circuito das matrículas: fazemos candidaturas a bolsa, prestamos esclarecimentos, fazemos pré-inscrição nos serviços médicos, candidaturas a alojamento e alojamos caloiros no próprio

dia. E é uma reciclagem que temos de fazer todos os anos, porque todos os anos vem uma nova vaga.

Em 2012, altura do início do seu mandato, o reitor João Gabriel Silva afirmava que os SASUC estavam em fase de reestruturação, sendo necessário encontrar um perfil diferente para liderar os serviços de ação social. Sei que é jurista de formação e gestora de profissão. Como líder da ação social da UC, centra todas as preocupações nas restrições orçamentais?

Não só. Mas essa foi a preocupação inicial...

... até pela fase em que os SASUC se encontravam, em 2012.

Sim, em 2012, os SASUC estavam em grande desequilíbrio orçamental, com a Universidade a ter de vir acudir, anualmente, com injeção de dinheiros. Concentrámo-nos em criar mecanismos de sustentabilidade futura para os serviços de ação social, sem pôr em causa postos de trabalho. Traçado esse caminho – e tem sido um caminho trilhado com algum sucesso, visto que no encerramento de contas de 2015, os SASUC apresentaram um resultado líquido positivo de quase 700 mil euros – o nosso grande enfoque passou a ser inovação. Tentar ir ao encontro das expetativas dos estudantes, das suas novas necessidades, e, no fundo, criar novos serviços, reinventando-nos todos os dias.

Qual é o impacto das receitas próprias no atual orçamento dos SASUC?

As receitas próprias dos SASUC já são mais de 50% do orçamento global. Portanto, o que recebemos do Orçamento do Estado, via UC, serve apenas para pagar uma parte dos salários. Tudo o resto, como o funcionamento das instituições, as obras, o fornecimento de géneros alimentares para as cantinas, a gestão dos espaços, o pagamento de água, luz e eletricidade, tudo advém das receitas próprias que os SASUC geram.

Se por um lado da Constituição da República consta que o ensino superior deverá ser tendencialmente gratuito, por outro, nos diplomas legais relativos à ação social no ensino superior é garantido o princípio de que ninguém ficará sem possibilidade de acesso ao ensino por falta de recursos financeiros. É um equilíbrio possível, este entre um ideal do discurso político e o panorama de uma ação social interventiva?

É um equilíbrio difícil, mas a ação social tem de estar presente nas políticas públicas do ensino superior em Portugal. Senão, o que vai distinguir-nos do ensino privado? Claro que não há verbas ilimitadas, nem

orçamentos de sonho para colmatar todas as necessidades. Mas isso é um equilíbrio que tem de ser perseguido.

A educação continua a ser um investimento?

A educação continua a ser, para muitas pessoas, o mecanismo de ascensão social. Isso continua a ser visível. Apoiamos estudantes com origens de agregados muito difíceis, de famílias completamente desestruturadas, mas que, havendo aproveitamento escolar, têm todo o merecimento para serem apoiados e terminarem o seu curso. Um curso superior dá-lhes, de facto, a oportunidade de ascender socialmente e ter uma profissão digna que lhes dê algum *status* também. E, por isso, os serviços de ação social têm o papel de apoiar estudantes com aproveitamento escolar, mas tendo sempre em conta as suas origens.

Dizia, no início do seu mandato, ser preciso imprimir sensibilidade social. 50 anos depois da criação dos serviços, acha que ainda é preciso imprimir essa sensibilidade?

É. Cada caso é um caso, claro. Temos de coibir-nos de fazer juízos de valor e analisar as situações de forma o mais objetiva possível. Daí fazermos dezenas de entrevistas com estudantes, diariamente, no sentido de aprofundar as situações e conseguir encontrar o melhor caminho, no que diz respeito ao apoio social. E até pode não ser aqui, dentro dos serviços de ação social, porque somos um organismo público legislativamente limitado, mas nas redes que temos no exterior. Continua a ser necessária essa sensibilidade, para não dizer logo que não e analisar de forma profunda os casos que nos chegam.

A função dos SASUC acaba, também, por ser a de tentar imprimir sensibilidade social em toda a restante comunidade.

Exatamente. E de criar essas redes de ligação.

Disse que o sistema de ensino superior português foi criado numa lógica de massificação e democratização sem igualdade, registando-se uma sub-representação das classes mais baixas da sociedade. Os serviços de ação social chegaram para mudar?

Com a emergência dos serviços de ação social, no pós-25 de abril, de forma estruturada e sustentada, essas diferenças sociais vão-se esbatendo um pouco. Mas continuam a existir. Não tenho dúvidas nenhuma que vêm de trás, que um estudante que vem de agregados familiares mais frágeis, com menos poder económico, ou menos educação, tem mais dificuldade em chegar ao ensino superior. Claro

que o apoio social no ensino secundário e, depois, no ensino superior, ajuda a esbater essas diferenças.

No âmbito dos apoios diretos que os serviços sociais prestam está a atribuição de bolsas de estudo. Acha que a atribuição de uma bolsa garante o sucesso escolar? Ou dependerá de muitos outros fatores?

A atribuição de uma bolsa pode não garantir o sucesso escolar, mas ajuda, seguramente. Aliás, ainda há pouco, saiu no *Público* um estudo que dizia que os estudantes apoiados com bolsas de estudo tinham maior garantia de ter sucesso escolar do que aqueles que não tinham. Claro que as bolsas de estudo não chegam para tudo, e são atribuídas de forma um pouco...

Cega?

Não diria cega, porque todos os casos são analisados, mas as regras são as mesmas, independentemente do curso onde o estudante esteja. Portanto, um estudante de Direito ou um estudante de Arquitetura é entendido de forma igual, mas é muito diferente no que diz respeito ao material escolar. Uma bolsa para um estudante de Direito pode chegar para pagar propinas, alojamento, material de estudo e alimentação; para o de Arquitetura pode não chegar. Portanto, há aqui alguma diferenciação que ainda não é feita, ou uma afinação dos próprios regulamentos. É um regulamento nacional, e aí os serviços de ação social não têm muita margem para...

Têm as mãos atadas.

Um bocadinho. Mas não há dúvida de que ter bolsa de estudo ajuda a ter sucesso escolar, até porque é também um incentivo. Não havendo sucesso escolar, no ano seguinte deixa de ter bolsa de estudo.

Considera, então, que o atual regime de atribuição de bolsas aos estudantes de ensino superior necessita de algumas mudanças?

Em duas décadas, já houve mais de 20 alterações ao regulamento de atribuição de bolsas aos estudantes do ensino superior, mas continua a existir a necessidade de algumas afinações. Até porque, por exemplo, no que toca aos rendimentos, não é considerado o rendimento real do agregado, porque não são consideradas deduções de quaisquer despesas. Por exemplo, um agregado que possa ter um elemento com uma doença crónica, que exige despesas adicionais em saúde, não vê isso considerado no regulamento de atribuição de bolsas. E, portanto, isso não traduz, de facto, o rendimento real das famílias, e deixa de fora muita gente que terá graves dificuldades em ter um filho a estudar no ensino superior.

Falta deixar de ver os números para ver as pessoas? Faltam algumas afinações, sim.

Quantas candidaturas a bolsas de estudo receberam no ano passado? Cerca de seis mil.

E como é que tem sido a evolução dos pedidos, ao longo dos últimos anos?

Tem estabilizado. Tem havido uma grande evolução, por parte da DGES, com disponibilização de simuladores da bolsa de estudo, no sentido de as pessoas saberem se, à partida, a terão ou não. É um processo um pouco burocrático, que exige muita documentação, o que demove um bocadinho as pessoas de concorrer só por concorrer. Cada vez mais apresenta candidatura à bolsa de estudo quem tem uma forte possibilidade de a vir a ter.

Num inquérito que partiu dos próprios serviços, concluiu-se que dos 1300 estudantes que perderam a bolsa, 77% pode abandonar os estudos. Este número é apenas uma gota de água?

É só a ponta do icebergue, sim. Em 2014/2015, resolvemos ir atrás dos estudantes que perdem bolsa, perceber o que lhes acontece. E passámos a fazer esse inquérito de forma regular. Uma das questões que fazemos é se o facto de deixarem de ter bolsa levaria ao abandono do curso. E ficámos bastante apreensivos com os resultados, pese embora termos vindo a recuperar muitos desses estudantes para outro tipo de apoios. No fundo, é isso que queremos fazer: aprofundar as situações e tentar perceber se há outro apoio alternativo à bolsa de estudo.

Que outros mecanismos de sinalização existem, para impedir abandonos precoces do ensino superior?

Essa é uma das nossas preocupações. Nós não temos, ainda, esses mecanismos de sinalização construídos. Estamos a tentar, juntamente com a área académica, e também com a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da UC, fazer algo nesse sentido. Está em construção um Observatório do Insucesso Escolar e um projeto de levantamento do insucesso escolar nas residências universitárias. Apesar de ser um universo muito pequeno, pode ser o embrião para chegarmos lá. No fundo, o que fazemos é um projeto de *coaching* com os próprios estudantes, em que tentamos perceber as causas e depois definir medidas de acompanhamento. Estas podem ser um apoio psicopedagógico ou um apoio em explicações, como o Next, um serviço de explicações voluntárias do Instituto Universitário Justiça e Paz.

Por parte de estudantes?

Estudantes voluntários com estudantes, ou professores

aposentados que se voluntariam para dar explicações gratuitamente. Esse projeto tem sido muito interessante para recuperar o sucesso académico e impedir abandonos precoces. Mas é, ainda, algo muito embrionário. Precisamos muito de trabalhar nesses mecanismos de sinalização.

A ligação à Associação Académica é essencial, nesse aspeto?

Sim, sobretudo a ligação aos núcleos, que estão espalhados por todas as faculdades. O trabalho com o provedor do estudante, também tem sido muito importante. O provedor é uma figura em que os estudantes confiam, que existe para os defender. Chegam-nos muitos alertas para determinadas situações, por essa via.

Qual o papel de estruturas como o Centro de Acolhimento João Paulo II, a Cáritas, ou o Instituto Justiça e Paz, nesta rede?

Todas essas estruturas fazem parte de uma entidade que se chama Fundo Solidário e que é coordenada pelo Instituto Justiça e Paz. Além dos SASUC, agrega todos esses parceiros, os Serviços de Ação Social do Politécnico, e outros parceiros complementares, como o Instituto de Emprego, a Associação Académica, a Segurança Social... Todos os meses há uma reunião, de todos os parceiros nucleares. Essa ligação foi formalizada este ano, com uma assinatura de um protocolo, e todos os meses é feita a análise dos casos que chegam a qualquer uma das estruturas. Esta rede é fulcral para o cumprimento da missão da área social.

Um estudante que não consegue apoio, por não saber ou por não conseguir, e que comece a trabalhar, tem mais probabilidade de abandonar os estudos?

Sem dúvida. Acaba por ser um círculo vicioso. Há sempre problemas de gestão de tempo. Se começa a trabalhar, talvez não possa inscrever-se a tempo integral – tem de haver uma conciliação das suas atividades. Não é impossível, claro. Há muita gente a trabalhar que tira os seus cursos, e é perfeitamente meritório e possível que isso aconteça. Mas, por vezes, é preciso algum aconselhamento por parte do provedor, dos serviços académicos, ou pela nossa parte, para que o estudante tome as suas opções de forma informada, de forma a ter algum sucesso.

Entretanto, criaram o Programa de Apoio Social a Estudantes através de atividades a tempo Parcial.

O PASEP.

Como surgiu a criação do PASEP e o que está por detrás da sua criação?

O PASEP surgiu da necessidade de a Universidade disponibilizar apoios sociais alternativos aos tradicionalmente existentes, e que abrangessem de uma forma ampla todos os estudantes da UC, indiferentemente da

sua nacionalidade. Muitas vezes, a bolsa de estudo não chega para cobrir tudo o que o estudante precisa para se manter em Coimbra a estudar. É um apoio inovador que não constitui um trabalho – é, sim, uma atividade com limites horários muito restritivos, baseada na ideia de conciliar uma atividade a tempo parcial com a parte académica. Um estudante que adira ao PASEP não pode trabalhar mais de quatro horas por dia, nem mais de 12 horas por semana, nem mais de 400 horas por ano...

Ou seja, é regrado.

Exatamente. A adesão tem sido muito boa, temos conseguido ter muitos estudantes de outras nacionalidades, que não têm qualquer apoio social; e apoio aos estudantes de doutoramento, que são cada vez mais. Tirar um doutoramento, hoje em dia, é muito diferente do que há 50 anos, ou do que há dez anos, antes do Processo de Bolonha.

Há uma preocupação dos SASUC relativamente à inclusão em todos os contextos. No que diz respeito aos apoios indiretos, têm surgido várias iniciativas, sendo a mais recente o banco de trajes académicos.

Sim, e essa iniciativa foi muito bem recebida. Afinal, o fato académico acaba por ser também um elemento de integração, de vivência das próprias festas académicas, e do espírito de Coimbra. Hoje, temos um banco de trajes bastante composto e disponível.

A lavandaria foi outro serviço que foi renovado.

Esteve fechada por condições estruturais do edifício e teve de mudar de local. Reabriu no passado ano letivo, com um leque mais alargado de serviços. Engomadoria, espaço costura e lavandaria *self-service*.

E que outros apoios têm surgido, com a evolução natural dos tempos e costumes?

Nos apoios indiretos, a alimentação é a face mais visível dos SASUC. Temos 17 unidades espalhadas pela cidade, a que todos recorrem. Por isso, aí tentamos variar. A oferta vegetariana, que tem tido uma procura exponencial, está disponível em todas as cantinas, tendo passado a fazer parte das opções da refeição social, e temos vindo a procurar criar novos espaços para outro tipo de segmentos da comunidade universitária, como os docentes e os funcionários. Por outro lado, os serviços médicos, que são um serviço diferenciador dos SASUC, é outra área em que temos vindo a crescer, com a melhoria das suas instalações. Neste momento, são os nossos melhores serviços (risos). Na área do alojamento, temos tido uma procura enorme de residências universitárias, sendo uma área onde temos de aumentar a nossa capacidade.

São a maior unidade hoteleira da região Centro.

Sim, temos 1350 camas, mas há cada vez mais procura. Por isso, temos vindo a fazer um forte investimento na melhoria das condições residências universitárias, que eram muito antigas e com condições um pouco decrépitas.

No passado, leis como a da autonomia das universidades, ou mesmo a lei das propinas, introduziram um cenário de grande contestação estudantil, com fortes expetativas quanto ao reforço do apoio social prestado. Sente que algumas décadas depois essas expetativas aumentaram?

Sinto. Até pelo contexto de degradação socioeconómica das próprias famílias. Há famílias que eram de classe média, antes da crise financeira, e que neste momento se veem em graves dificuldades. Portanto, há mais procura de apoios sociais e há mais expetativas de apoios.

As alterações significativas ao modelo orgânico e de gestão, como foi o caso do Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior, face ao contexto de forte restrição orçamental, modificaram a natureza daquilo que se espera desses serviços?

Não essencialmente. Mantém-se a autonomia administrativa e financeira dos Serviços de Ação Social.

Ou seja, o contexto não vai alterar nunca a essência de...

... da missão social dos serviços de ação social.

Como vê a política de ação social escolar em Portugal, e, no seu entender, para onde deveria evoluir?

A política de ação social tem tido alguma atenção por parte dos ministérios do ensino superior, ou da educação, conforme as designações. E uma muito forte intervenção das associações académicas e dos próprios estudantes. Tem havido, nos últimos anos, a vontade de fazer com que os estudantes participem na definição das políticas do ensino superior, nomeadamente, da ação social. É sempre uma das reivindicações que estão em cima da mesa.

E há, atualmente, essa abertura?

Vejo da parte do atual ministro essa vontade de reforçar a ação social. Isso já foi dito também publicamente, e penso que vai ser possível atribuirmos mais bolsas de estudo, alargando o leque da sua atribuição.

A UC teve um dos melhores resultados dos últimos anos no que toca ao número de vagas preenchidas no concurso nacional de acesso ao ensino superior. Apenas 113 ficaram por preencher. Isto significa um esforço acrescido, de qualquer maneira, para os SASUC?

Neste momento, já não vamos ter vagas, nas residências universitárias, para todos os estudantes caloiros que estão a candidatar-se a residência. Significa um esforço acrescido, mas cá estamos para eles (risos).

Se em futuros orçamentos do Estado houver cortes significativos, os SASUC estão preparados para sobreviver com as tais receitas próprias? Isto é, a sustentabilidade financeira está assegurada para os próximos anos?

Depende do corte, não é? Se vier um corte abrupto, será difícil. Claro que temos sempre o chapéu da UC e a possibilidade de reafecção diferente de verbas. É um pouco imprevisível de dizer, mas temos vindo, de facto, a colmatar as perdas que temos tido com o aumento das receitas próprias.

Como perspectiva o papel dos SASUC no futuro da UC?

Como um elemento de atratividade da própria UC.

É algo que a distingue?

Há muita gente que diz que os SASUC são os maiores serviços. Há quem diga que são os melhores. E nós queremos ser os melhores. De facto, somos os maiores em extensão de apoios. Além dos que já falámos, temos creche e jardim de infância, dois serviços que, apesar de serem para um universo mais reduzido, são fatores de atração para estudantes que vêm de mobilidade e para estudantes de doutoramento, que trazem já famílias. Portanto, penso que os SASUC são cada vez mais um fator de atratividade da UC. E isso tem-se visto. Foi-nos pedido, por exemplo, para participarmos nas feiras de captação de novos estudantes da própria UC, porque ter ou não ter um apoio social, uma residência universitária, uma alimentação a preços acessíveis, a possibilidade de poder recorrer a serviços médicos, o apoio psicopedagógico, pode ser o ponto de decisão de vir ou não vir para a UC.

Quais são as grandes linhas estratégicas dos SASUC para o futuro?

Temos um plano estratégico até 2019, ano do final do mandato do senhor Reitor, que está alinhado com o plano estratégico da UC. Questões como a da modernização dos serviços, da melhoria dos equipamentos sociais, e da inovação da oferta social que disponibilizamos são as grandes linhas que nos conduzem para os próximos anos.

Qual a maior lição que os SASUC podem ensinar a quem passa pela UC?

A maior lição que os SASUC podem ensinar é que tudo é possível. Não é por falta de condições económicas ou por um ponto de partida muito desfavorável que não se pode chegar a ter uma vida melhor. O apelo que faço a um estudante que veja que as coisas estão negras é que não pense em desistir, sem falar com os SASUC. Esse contacto pode abrir-lhe outros horizontes que ele, naquele momento, não está a ver.



51

POR DETRÁS DE UM ACRÓNIMO

MARTA POIARES

FABIANA PEREIRA

ouvia falar da Universidade de Coimbra (UC), ainda a sua idade não sabia futuro. Natural de Argoncilhe, Santa Maria da Feira, estava no ensino primário quando percebeu, nas entrelinhas, aquela que seria a sua primeira grande escolha: “A notoriedade da UC enquanto instituição e a qualidade do seu ensino eram faladas em todo o lado. Por isso, foi, desde sempre, uma opção para mim.” Estudar em Coimbra significava cumprir uma vontade, mas também dar alguns passos em medo, sobretudo no que dizia respeito à habitação: “Sair de casa dos meus pais implicava custos elevados. O quarto era uma grande preocupação.” Foi durante a semana das matrículas, antes de entrar no curso de Línguas Modernas da Faculdade de Letras da UC, que descobriu as residências universitárias e decifrou o acrónimo SASUC. Os Serviços de Ação Social da Universidade de Coimbra (SASUC) acabariam por traçar-lhe caminho e ventura: “Os SASUC foram uma grande ajuda. Menos de uma semana depois das matrículas, estava já com residência atribuída. Sem bolsa de estudo e/ou sem residência universitária ter-se-ia tornado complicado, senão impossível, estudar.” Bolseira desde o primeiro ano, e frequentando agora a mestrado em Turismo, Território e Patrimónios, na mesma faculdade, Fabiana juntou o desejo de conhecer mais sobre culturas de outros países à feliz obrigação de viver em comunidade: “Viver numa residência universitária foi uma das melhores decisões que pude tomar. O facto de vivermos com outras pessoas é bastante enriquecedor a nível pessoal.” Chegou a desempenhar o cargo de delegada durante um ano letivo e a tropeçar em alguns desafios. Mas houve sempre alguém com quem contar: “Nesse ano, recebemos quatro raparigas vindas de Macau, com uma cultura muito diferente da nossa. Não foi uma experiência fácil, mas pude contar sempre com o apoio dos SASUC.” Para Fabiana, ainda que nem todos os alunos conheçam as várias vertentes em que se desdobram estes serviços, a existência dos “sociais” torna-se essencial numa realidade em que as oportunidades se querem iguais para todos: “Infelizmente, ainda há muita gente no país que não tem a capacidade de ingressar no ensino superior e conseguir fazer frente a todas as despesas.”



53

RL #47 | AO LARGO
retrato de corpo inteiro

LILIANA CHAVES, natural da ilha de Santa Maria, Açores, não tinha a Universidade de Coimbra (UC) – mas Aveiro – como opção imediata. O plano acabou por mudar de sentido, quando ficou colocada em Engenharia e Gestão Industrial, na Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC. Hoje, se voltasse atrás, o destino estaria mais do que certo: “A primeira opção seria outra. Como é dito por muitos estudantes, acho que Coimbra é que me escolheu.” Quanto aos SASUC, não tem qualquer dúvida – foram parte certa da mudança de rumo: “Contribuíram para que permanecesse cá com a certeza de que esta Universidade era o local certo para dar continuidade à minha formação.” As boas experiências fizeram da residência a sua primeira casa, onde mais do que viver, aprendeu a ser: “Aprendi a partilhar, a respeitar, a ajudar, e a lidar com personalidades muito diferentes.” Por tudo isto e muito mais, diz ver os SASUC como um serviço de intervenção bem abrangente, que vai muito além das bolsas e do alojamento: “Contar com o apoio dos SASUC, em diversos aspetos, deu-me a força que precisava para continuar.”



Foi num mapa de incertezas que MÂRCIO SILVA, natural de Vila do Conde, se candidatou a todas as faculdades públicas do país que lecionavam Ciências Farmacêuticas. Com o Porto a liderar a tabela, acabou por ser Coimbra a ficar: “O destino fez-me chegar a Coimbra. E não foi possível ficar indiferente à sua grandiosidade.” Sem conhecimento aprofundado sobre os serviços que prestavam à comunidade universitária, garante que os SASUC tiveram forte influência na sua decisão de ficar a estudar em na Universidade de Coimbra (UC): “A existência de uma residência universitária e de uma unidade de alimentação no Polo III fizeram apontar Coimbra como o lugar de preferência.” Bolseiro desde o primeiro ano, confessa que só assim consegue amortizar o esforço económico que a sua família tem feito para suportar os custos, mas assegura que vai muito mais além disso: “Ser bolseiro é saber dar valor às pessoas que tornam possível o nosso crescimento.” Na Residência Universitária do Polo III diz ter encontrado uma segunda família e valores que não se esquecem: “Nas residências incutem-nos valores que nos tornam cada vez mais humanos. Aqui sinto-me em casa.” Ao ter sido eleito delegado, assumiu a confiança que lhe foi entregue e desenvolveu inúmeras competências que ainda hoje, conta, lhe são muito úteis: “Ser delegado é ser líder, é ser amigo, é saber tolerar, é saber gerir.” Embora acredite que grande parte dos estudantes universitários de Coimbra tenham conhecimento da existência dos SASUC, admite que possam desconhecer grande parte da sua oferta. Mas conclui: “A sinergia criada entre os diversos serviços prestados pelos SASUC e a UC é de tal forma vigorosa que me é impossível imaginar uma UC sem os SASUC.”



a migalha que viceja

Disse um famoso bardo de Vale de Lobos que, quando um português nasce, carrega consigo oito séculos de história e de vida, o que não deixa de ser assunto de grande responsabilidade e espanto. O mesmo acontece, ou deveria acontecer, quando somos estudantes da Universidade de Coimbra (UC). Cada estudante, quando ingressa na vetusta e veneranda Escola de Coimbra, tem nos ombros mais de 700 anos de história, um punhado de figuras da alta cultura aos ombros e toda a responsabilidade intelectual do mundo. É certo que as coisas não se passam deste jeito, pois ninguém tem uma visão tão maviosa e romântica de uma das mais antigas universidades do mundo ocidental. Não é minha pretensão utilizar este espaço e esta voz em jeito de elegia ou elogio à *ALMA MATER* que me amamentou de forma graciosa e amarga, madrastra severa e boémia. Pretendo, dentro dos limites da subjetividade objetiva, queira lá isso dizer o que quer que seja, refletir a propósito da UC e dos Serviços de Ação Social.

A ação social é um direito, uma conquista e uma vitória que nasceu com os cravos de Abril. Um Estado moderno e democrático não só garante os direitos e liberdades individuais de cada um, como também promove o bem-estar social de todos, ricos ou pobres.

A meu ver, a força de um país está na aposta e no investimento na educação, na cultura e no conhecimento. Um país culto, livre e educado será sempre um país rico, consciente e desenvolvido. Um país que invista no conhecimento é um país com um grande futuro.

O nosso país ainda é pequeno porque falta uma maior aposta na educação e no conhecimento.

Contudo, têm sido dados alguns passos no sentido de apostar no futuro. Por um lado, as universidades aproximam-se da Europa e do mundo, internacionalizando-se, criando protocolos com diversos países e academias, criando assim um espírito de abertura que é sempre salutar; por outro lado, a ação social vai apoiando os alunos mais carenciados que pretendem continuar os seus estudos

para lá do ensino obrigatório. Faço aqui um parêntese, pois acredito que não temos ensino obrigatório, mas sim, ensino indispensável, necessário.

Que me perdoem os barões, mas felizmente para todos nós, o ensino universitário está democratizado e aberto para todos. É certo que nem todos temos de prosseguir os estudos a esse nível, todavia, e ainda bem que assim o é, todos temos a liberdade e a oportunidade de escolher. A liberdade por via da democracia. A oportunidade por conta do, felizmente, ainda, Estado Social ou Estado de Justiça Social.

Numa universidade por onde passaram figuras como Garrett, Antero de Quental, Eça de Queirós e Carlos Fradique Mendes, passam agora estudantes como eu. Estudantes com necessidade de apoio social para poderem continuar os seus estudos. Estudantes que não querem manchar o nome dos colossos da nossa história e cultura.

Darei algumas pinceladas autobiográficas neste espaço a letras e silêncio, de modo a que se perceba o esboço que pretendo expor. Peço, desde já, o devido perdão pelas presunções que doravante irão surgir, mas nós, humanos, temos este defeito do “eu” e, vá-se lá saber por que razão, é impossível escapar da nossa própria experiência! Ironias do destino! E do texto! No ano de 2009 ingressei na UC, na Licenciatura em Línguas Modernas (Português – Francês), sabendo de antemão que havia bolsas de estudo de cariz social. Assim que fiz a minha candidatura à Universidade realizei a candidatura à bolsa de estudo. Nesse tempo, não muito distante, as inscrições eram realizadas em tendas dentro do Pátio das Escolas, e as filas serpenteavam por todo o Largo da Porta Férrea, sob o sol de setembro. Assim que entrego os papéis necessários para a candidatura à bolsa, a senhora que me atendeu ficou espantada por já ter providenciado toda a resma de papeis e papeizinhos necessários. (Num país onde tudo se atrasa e se arrasta, cumprir o dever, salve Kant!, é visto de soslaio!)

Foram os papéis e ficou a ansiedade pelo resultado da bolsa. Em dezembro, saíram os resultados. O meu pedido havia sido indeferido. Ainda há poucos meses me aventurara pelos trilhos das letras e eram os números que estavam a ofuscar o caminho, fazendo tremer todas as expectativas. Dirigi-me aos Serviços de Ação Social da Universidade de Coimbra (SASUC) de modo a tentar perceber o que levou ao indeferimento do meu pedido. Soube, desde logo, que tinha uma assistente social responsável pelo meu processo e, de certa forma, senti-me

protegido e seguro, pois acreditava que havia alguém na Universidade que se preocupava com a minha situação. A sensação de segurança tranquiliza, fazendo lembrar um pequeno veleiro que se refugia na barra de uma baía alterada pela borrasca.

Não irei mencionar nomes nesta quase crónica, com exceção do deste vosso criado que, mesmo assim, permanecerá no anonimato do seu nome. O que é um nome sem uma história por detrás? O meu anonimato será o destas palavras.

A minha assistente social foi desde logo bastante simpática, prestável e amiga. Aliás, devo dizer que sempre me senti acarinhado por todas as assistentes sociais, assim como pelos funcionários dos Serviços, talvez por saberem do meu temperamento teimoso e insistente, ou então pela forma sempre fresca e irónica, mesmo nos momentos de maior angústia, com que abordava as situações. Voltei a fazer a candidatura, apresentando papéis que me havia esquecido. (Afinal, pobre de mim, não cumpri dever nenhum, pois, houve papéis que ficaram para trás, na Babel da burocracia das bolsas.)

Ao longo dos meses em que estive à espera fiquei alojado numa residência universitária que, pese embora o seu estado degradado e o seu grito por manutenção constante, me fez sentir aconchegado e, de certo modo, mais próximo do *santo* Antero e do Eça de Queirós.

O resultado final da minha candidatura saiu no mês de maio! Santa Blague! A um mês do final meu primeiro ano letivo recebo a notificação de que me foi concedida a indispensável bolsa de estudo que rapidamente se esgotou nos pagamentos das propinas, do alojamento e da alimentação necessária, tanto para o corpo, como para a alma.

No final desse meu primeiro ano, fiquei a saber que iria receber uma gratificação de 10% no valor final da bolsa por conta dos meus resultados académicos. Fiquei contente por saber que a ação social valorizava o empenho, o trabalho, o esforço e a dedicação.

Nos dois anos seguintes não houve problemas, pois uma vez dentro do mecanismo, começamos a perceber que é necessária muita insistência e perseverança. Não se pode desistir. Não se pode pensar em desistir!

No fim da licenciatura inscrevi-me no mestrado em Literatura Portuguesa, e fui bolseiro durante os dois anos. Posso afirmar que nunca tive uma bolsa de valores mínimos, visto que a condição financeira do meu agregado familiar não é das mais solares e luminosas. No último ano do mestrado, com o intuito e desejo

de querer prosseguir os estudos para o doutoramento em Literatura Portuguesa, comecei a falar não só com as assistentes sociais, mas também com a cúpula dos Serviços e da própria Universidade, acerca dos apoios que se encontravam disponíveis para ajudar estudantes neste ciclo de estudos.

Foi a partir do ano de 2014 que a minha realidade mudou. Para os leitores mais desatentos, os parágrafos seguintes são os mais picantes e interessantes, já que têm bastante angústia, silêncios, espaços em branco e indeterminações semânticas.

A resposta era e continua a ser constante, calamitosa e cortante: não existem apoios por parte da Universidade e dos SASUC a alunos de doutoramento com carências financeiras. Só o PASEP surge como luz tímida ao fundo de um túnel sem fundo! Foram requerimentos para as reitorias, cartas para os SASUC e sua cúpula; foram conversas e conversas com as assistentes sociais e a resposta vinha sempre embrulhada num abanar de cabeça, ou então, num silêncio vergonhoso, ultrarro-mântico e colossal!

De repente, encontrei-me no meio de uma daquelas novelas de Camilo Castelo Branco, sempre muito românticas, infelizes e fatais! Todos os anos tenho procurado resposta por parte dos SASUC e da Universidade e todos os anos a resposta vem sob a forma de um politicamente correto, “este ano iremos rever os regulamentos do FAS e dos alunos bolseiros de modo a poder fazer alterações nesse sentido”. Santa Blague!

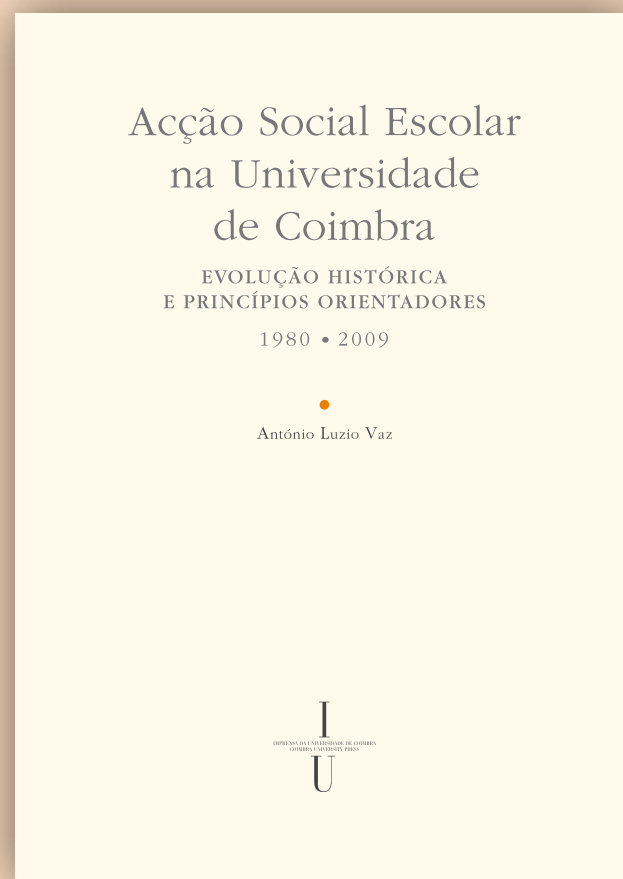
De 2014 a esta parte, a minha relação com os SASUC tem sido mais amarga, áspera e rígida, mas, ainda assim, não deixa de ser uma relação.

Agora que se celebram os 50 anos destes Serviços que tantos estudantes têm vindo a ajudar, espero, do fundo do coração que estas palavras têm, com toda a sua subjetividade objetiva, que haja mudanças, verdadeiras mudanças capazes de apoiar estudantes que se encontram na minha situação. Não é por mim que escrevo esta quase crónica, é pelos que virão depois de mim, para que saibam que o presente é sempre o futuro; escrevo pela UC, Casa que jamais abandonarei se mo permitirem, para ver como os filhos também sabem amar mesmo sendo rebeldes; e, finalmente, escrevo pelos SASUC, para que saibam que nunca deixei de acreditar neles, mesmo nos momentos de mais angústia como são os atuais. Escrevo pelos SASUC, aguardando encarecidamente, de mão aberta, a migalha que me faça crescer e vicejar.

ACÇÃO SOCIAL ESCOLAR NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA. EVOLUÇÃO HISTÓRICA E PRINCÍPIOS ORIENTADORES – 1980-2009

As mudanças verificadas nas políticas e práticas de ação social no ensino superior português, nos últimos 30 anos, têm sido determinantes no processo de democratização deste nível de ensino. Apesar da sua pertinência, poucos têm sido os estudos sobre esta temática. Esta obra visa contribuir para a caracterização do que tem sido a ação social no ensino superior, em particular na Universidade de Coimbra. Partindo da evolução histórica do sistema de ação social e dos princípios e filosofia que têm norteado a sua operacionalização, procura descrever-se a atuação dos Serviços de Ação Social da Universidade de Coimbra (SASUC), ilustrando-se,

através da caracterização dos seus sectores, a concessão de apoios, diretos e indiretos, aos estudantes. A sua evolução é ainda retratada com base em recortes de imprensa. Pretende contribuir-se para a construção de uma memória comum a todos os que têm participado neste domínio, com utilidade para os que se interessem por esta temática.



LIVROS RELACIONADOS COM OS SERVIÇOS DE AÇÃO SOCIAL:

Título: *Percursos académico e profissional do estudante com deficiência*

Coordenadora: Maria Isabel Simões Patrício

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Série: *Documentos*

Ano: 2004

Título: *Ação Social Escolar na Universidade de Coimbra*

Autor: António Luzio Vaz

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Série: *Documentos*

Ano: 2009

Título: *Proteção Social em Portugal na Idade Moderna*

Autora: Maria Antónia Lopes

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Série: *Estudos • Humanidades*

Ano: 2010

Título: *Serviço social: mutações e desafios*

Autoras: Clara Cruz Santos, Cristina Pinto

Albuquerque e Helena Neves Almeida

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Série: *Ensino*

Ano: 2013

Título: *Intervenção em Rede: serviço social, sistémica e redes de suporte social (2.ª edição)*

Autora: Sónia Guadalupe

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Série: *Investigação*

Ano: 2016

65

RL #47 | AO LARGO
lugar dos livros

LIVROS:

Título: *Redes, capital humano e geografias da competitividade* (ebook)
Autores: Fátima Velez de Castro, João Luís Fernandes e Rui Gama
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Geografias*
Ano: 2016

Título: *Processos Físicos e Modelos Computacionais em Engenharia Costeira*
Autor: José Simão Antunes do Carmo
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Ensino*
Ano: 2016

Título: *A água como Património: experiências de requalificação das cidades com água e das paisagens fluviais*
Coordenadores: Paulo Peixoto e João Paulo Cardielos
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Outros Títulos*
Ano: 2016

Título: *D. Pedro e D. Inês: diálogos entre o amor e a morte*
Autores: Maria Helena da Cruz Coelho; António Manuel Ribeiro Rebelo
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Outros Títulos*
Ano: 2016

Título: *Teofrasto. História das Plantas*
Autora: Maria de Fátima Sousa e Silva e Jorge Paiva
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *DIATA: Scripta & Realia*
Ano: 2016

Título: *Curso de Direito da Família: volume I – Introdução: Direito matrimonial*
Autores: Francisco Pereira Coelho e Guilherme de Oliveira
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Ensino*
Ano: 2016

Título: *Estudos de direito internacional privado da União Europeia*
Autor: Rui Manuel Moura Ramos
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Ensino*
Ano: 2016

Título: *Mafalala: memórias e espaços de um lugar*
Organização: Margarida Calafate Ribeiro e Walter Rossa
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Olhares*
Ano: 2016

Título: *A coleção de vasos Gregos do Instituto Gómez-Moreno, Fundação Rodríguez-Acosta, Granada*
Autores: Rui Morais, Andrés María Adroher e M^a Carmen López Pertiñez
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Classica Instrumenta*
Ano: 2016

REVISTAS:

Título: *Antropologia portuguesa Vol. 30/31*
Diretora: Cristina Padez
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano: 2016

Título: *MATLIT vol. 4, n.º 2*
Diretores: Manuel Portela e Osvaldo Manuel Silvestre
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano: 2016

Título: *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra vol. XXIX*
Diretor: José Pedro Paiva e Júlio Ramos
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano: 2016

Título: *Archai: Revista de Estudos sobre as Origens do Pensamento Ocidental n.º 18*
Diretor: Gabriele Cornelli
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano: 2016

Título: *Atlantís – Review vol. 11*
Coordenador: Delfim Ferreira Leão
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano: 2016


Título: *Mediapolis: revista de comunicação, jornalismo e espaço público n.º 2*
Coordenador: Carlos Camponez
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano: 2016

Título: *Psychologica n.º 58-2*
Coordenador: Rui Paixão
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano: 2016

Título: *Biblos n.º 2 – 3ª série*
Diretor: José Pedro de Matos Paiva
Coordenadora: Rita Marnoto
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano: 2016

67

RL #47 | AO LARGO
lugar dos livros



Se em 1964 era apenas título de um livro publicado por Umberto Eco, desde então tornou-se uma expressão de uso corrente, uma espécie de oposição quase proverbial. Originalmente, o escritor propunha a divisão das reações perante a cultura de massas e as indústrias culturais nas duas categorias referidas: de um lado, os primeiros, que consideravam que a massificação da produção e consumo constituíam a perda da essência da criação artística; do outro, os que acreditavam estar-se perante enormes avanços civilizacionais, de uma efetiva e criadora democratização da cultura.

Da evolução otimista aos passos que ficam por dar, as bolsas de estudo estiveram, estão e estarão no centro da discussão em torno da ação social em Portugal. E se os números explicam, as histórias contam: haverá ainda muito para mudar? Ou chegámos ao bom porto de um apoio que se quer dinâmico, transparente e ajustado à diversidade?

BOLSAS DE ESTUDO

REGINA DIAS BENTO *

A atribuição de bolsas de estudo, classificada como ação social direta, é uma das vertentes mais importantes da missão dos serviços de ação social das instituições do ensino superior.

É aqui que assenta, essencialmente, a promoção do princípio da igualdade de oportunidades com vista a garantir a frequência no ensino superior aos estudantes com níveis de rendimento mais baixo. Sem esta ferramenta estaria irremediavelmente perdida a democratização do ensino superior conseguida no pós-25 de Abril.

Ao longo dos últimos anos têm vindo a registar-se melhorias significativas no processo de atribuição de bolsas de estudo no ensino superior, com ganhos inegáveis ao nível da transparência, da equidade e do rigor. Exemplos disso são a criação de um regulamento único para todas as instituições do ensino superior, públicas e privadas, a recente fixação de uma data para o pagamento mensal da bolsa de estudo, bem como a disponibilização de uma plataforma única onde todos os processos são despachados e facilmente objeto de auditoria.

Mas ainda há muito para melhorar nesta temática com vista a uma ação social mais justa.

No âmbito do regulamento em vigor, um agregado familiar assolado por uma doença crónica, com consequentes despesas acrescidas, é tratado exatamente da mesma forma que um outro agregado com os mesmos rendimentos e idêntica composição, mas sem aquele flagelo da doença.

No âmbito do atual regulamento, tendo por base o mesmo nível de rendimentos, a um estudante de Arquitetura será atribuída a mesma bolsa de estudo do que a um estudante de Economia ou de Letras, ignorando completamente o peso do material escolar nas diferentes áreas de estudo.

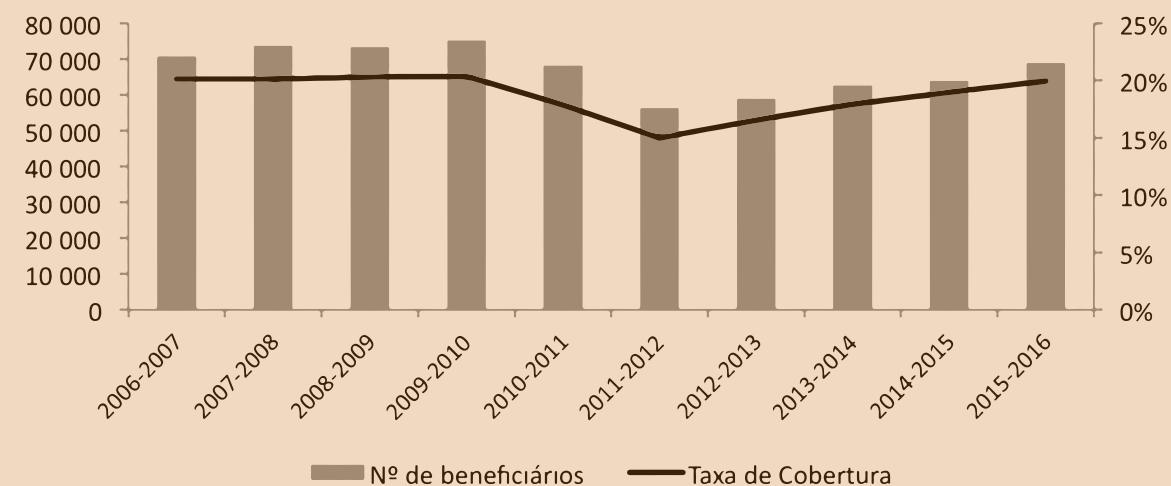
Além disso, no que diz respeito ao método processual, a atribuição de bolsas de estudo é extremamente burocrática e morosa. Em cada novo ano letivo, quer seja um novo pedido de bolsa, quer seja um pedido de um estudante bolseiro no ano anterior, a carga de documentação exigida é exatamente a mesma. Muita da qual já está do lado da própria Administração Pública.

Adicionalmente, a plataforma informática nacional onde decorre o processo de atribuição de bolsas de estudo, designada SICABE, tem vindo, sobretudo nos últimos dois anos, a revelar sinais de forte desgaste e dificuldade de adaptação a tantas alterações regulamentares, obstaculizando a celeridade que se pretendia incutir a estes processos, de modo a permitir a atribuição da bolsa o mais cedo possível aos estudantes.

Ainda mantenho o sonho de atribuir bolsas de estudo no mês de agosto, garantindo um novo início de ano letivo, sem angústias financeiras em demasia ou, pelo menos, com a tranquilidade de começar o ano com bolsa atribuída, estando garantido o pagamento das propinas e do alojamento em residência universitária. Não tenho dúvidas de que isto fosse um fator promotor do aproveitamento escolar e dissuasor do abandono precoce.

BOLSAS DE ESTUDO NO ENSINO SUPERIOR

JOÃO QUEIROZ *



Nas últimas décadas, o sistema de apoios sociais no ensino superior registou uma enorme expansão e, simultaneamente, um processo de consolidação, tornando-se mais abrangente no número de estudantes beneficiários, mas mostrando também uma imagem de qualidade em muitas instituições de ensino superior.

Tendo em vista assegurar que nenhum estudante seja impedido de aceder ao ensino superior por insuficiência económica, é importante encarar o sistema de ação social como um parceiro estratégico e os apoios sociais como ferramentas fundamentais, capazes de influenciar a igualdade de oportunidades e permitindo, inequivocamente, o alargamento da base social do ensino superior.

O sistema de ação social direta é dinâmico e tem sido ajustado ao longo dos anos, procurando adaptar-se às alterações que ocorrem, seja particularmente em relação ao ensino superior, porque é nele que está ancorado, seja na sociedade, de forma mais abrangente, porque é para ela que serve. Ao longo da última década têm vindo a ser introduzidas várias alterações ao quadro regulamentar das bolsas de estudo, das quais destaco a criação de um regulamento único para todo o ensino superior, público e privado, eliminando a possibilidade de definição de regras técnicas em cada instituição e, potencialmente, de tratamento diferenciado de situações iguais; a criação e utilização por todos de uma plataforma única, permitindo uma atribuição de bolsas mais uniforme; e, finalmente, a utilização de sistemas de interoperabilidade com diversos serviços, incluindo as instituições de ensino superior. Estas alterações introduzidas permitiram, assim, um aumento da justiça, da rapidez e da eficiência dos apoios sociais diretos.

Do regulamento de atribuição de bolsas de estudo a estudantes de ensino superior em vigor e das últimas alterações aí introduzidas permitam-me destacar (i) a alteração do valor do rendimento *per capita* abaixo do qual os estudantes são elegíveis para a atribuição de bolsa de estudos, aumentando, desta forma, o número de estudantes que poderão receber bolsa de estudo; (ii) a atribuição de um mês adicional de complemento de alojamento aos bolseiros deslocados durante 11 meses, quando for comprovadamente demonstrada essa necessidade; e (iii) a consideração, por razões de justiça relativa, de parte dos lucros de empresas no cálculo do rendimento do agregado familiar, quando algum dos seus membros detenha uma participação em sociedade por quotas.

Relevante é, também, desde o ano transato, e para corresponder a uma aspiração antiga e legítima dos estudantes, a aprovação anual de um calendário que fixa a data em que em cada mês são pagas as bolsas de estudo.

Apresento, de seguida, um gráfico com a representação do número de estudantes beneficiários de bolsa de estudo bem como a taxa de cobertura do sistema, que representa o número total de bolseiros em função do número total de estudantes do ensino superior (não incluindo os de doutoramento) em Portugal, ao longo dos últimos dez anos.

É, pois, um sistema estável e que tem vindo a ser consolidado, mas que, felizmente e com a continuada colaboração participativa de todos os intervenientes, nunca estará fechado.

* Diretor-Geral do Ensino Superior



Residência e restaurante universitários,
Polo II da Universidade de Coimbra,
projeto dos arquitetos
Manuel Mateus e Francisco Mateus.



RUA LARGA

REVISTA DA REITORIA DA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA
NÚMERO 47
NOVEMBRO 2016

A Rua Larga está aberta ao trânsito das ideias que circulam na Universidade de Coimbra (UC) desde junho de 2003.

O nome foi tomado de empréstimo à via que atualmente assegura a ligação do Largo D. Dinis à emblemática Porta Férrea. Rua que, antes da construção da cidade universitária como hoje a conhecemos, era já uma das mais importantes da Alta. Hoje, a Rua Larga é uma ponte entre passado e futuro, feita de pedra e ar, desenhada por Gonçalo Byrne.

A *Rua Larga*, revista, é esse espaço ao mesmo tempo simbólico e efetivo por onde passa o que se vai passando na Universidade.

Assine a *Rua Larga* e permaneça em contacto com a UC.

ASSINATURA ANUAL DA REVISTA RUA LARGA (3 números)*: 15€
Avulso (cada número): 7€ • Números Anteriores: 9€

Assinaturas em www.uc.pt/rualarga

Mais informação rualarga@uc.pt

Consultar números antigos www.uc.pt/rualarga

Os preços incluem IVA e portes de correio nacionais.

* A assinatura pode ter lugar em qualquer altura do ano, passando a anuidade a contar a partir desse momento, independentemente do ano civil.